

JORNAL DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

Proprietaria — Sociedade Pharmaceutica Lusitana

Director — *Francisco de Carvalho*

Redacção e Administração — Rua Sociedade Pharmaceutica

NO

Edificio da mesma Sociedade

Composto e impresso na Papelaria e Typ. Estevão Nunes & Filhos

Rua do Ouro, 58 — Lisboa

PEÇAS OFFICIAES**Sessão de 28 de Maio de 1907**

Presidencia do sr. João Mendes Carreiro

Socios presentes: Srs. João Mendes Carreiro, Ernesto de Castro, Luiz José Botelho Seabra Lopes, Armando de Campos Palermo, Jayme José da Costa, Francisco de Carvalho, Gaspar Maria do Nascimento, Antonio Carvalho da Fonseca, João Francisco de Jesus, Fernando Mendes Pereira, Filippe Pereira de Mattos Miranda e José Nunes.

Aberta a sessão ás 9 ¹/₂ horas da noite foi lida e approvada a acta da sessão anterior — 14 de maio de 1907.

O 1.º secretario, sr. Ernesto da Rocha e Castro, leu a correspondencia recebida, havendo entre ella uma carta do nosso consocio sr. Freitas e Silva, em que faz varias observações sobre o extracto publicado nos periodicos da sessão anterior.

O sr. professor Carvalho da Fonseca communica ter recebido uma carta do sr. conselheiro Ferreira da Silva, agradecendo as manifestações que a nossa Sociedade lhe fez.

O sr. Francisco de Carvalho participa ter recebido, do sr. dr. Casimiro Simão da Cunha, uma carta offerecendo a valiosa collecção de regimentos dos preços dos medicamentos, que estão sobre a mesa, e pede á Sociedade que se manifeste sobre o caso, agradecendo ao bom amigo da nossa collectividade tão importante dadiua, o que foi approvedo por unanimidade, apreciando-se muito a dita offerta.

Em seguida, como representante da Sociedade Pharmaceutica, na commissão official de reforma de exercicio, e em vista de um artigo publicado num jornal da classe, o sr. Carvalho historia o seu procedimento na dita commissão da reforma do exercicio profissional, mostrando que se não conseguimos alguns dos desejos da nossa Sociedade não foi porque sua ex.^a o não tivesse tentado. Tudo lhe foi rejeitado, a não ser a proposta para fazer parte da Commissão da Pharmacopea, o Presidente da Sociedade Pharmaceutica Lusitana.

Que logo á alinea c) do artigo 3.^o do 1.^o capitulo apresentára uma emenda, afim de que, de futuro, não podessem mais crear-se pharmacias de associações de soccorros mutuos; que, porém, a proposta que fez, que tanto representava o sentir da classe, não foi bem recebida, e ficou não convencido dos argumentos apresentados, mas vencido, porque a rejeitaram.

Tambem sobre o artigo 27.^o se não esqueceu de dizer relativo ao § 1.^o, que não devia dispensar-se o papel impresso ou carimbado aos medicos conhecidos de pharmaceuticos, para evitar mais ou menos irregularidades que podem dar-se

Que não sympathisou com a ideia das camaras pharmaceuticas, e que bem claramente o disse, assim como disse, que se podesse ter assistido ás primeiras sessões, em que se approvaram as bases do projecto, teria pugnado para que delle constasse a prohibição das consultas nas pharmacias, contra as quaes se manifestou,

e que não insistiu no caso, visto o sr. presidente dizer que era assumpto liquidado.

Que tambem notára no artigo 64.º, que o sr. inspector technico do sello, que é um funcionario de merecimento, e lente de uma Escola de Pharmacia, não fazia parte do jury do concurso, que havia de examinar o pharmaceutico, que seria nomeado para a Alfandega, e que teria a seu cargo a verificação das especialidades pharmaceuticas; que por isso fallou contra a citada falta e apresentou uma proposta, que foi rejeitada.

Que tambem achou extraordinario o artigo 69.º, que leu e é o seguinte:

«E' permittido ás drogarias vender os medicamentos a que se refere o artigo 38.º desta lei e os de importação estrangeira.» Que estes medicamentos são as especialidades pharmaceuticas, e que não sabia, se os seus collegas viam bem a falta de coherencia que se dava, porque pertencendo á commissão technica de pharmacia elaborar a lista dos medicamentos que as drogarias deviam vender, iam cercear-se-lhe já estas regalias, por causa das especialidades pharmaceuticas. Que fallou contra esta falta, que achava até indesculpavel, como lá declarou, mas que as suas palavras e que a sua proposta teve a mesma sorte de outras: foi rejeitada.

Que contra a limitação de pharmacias, não disse o jornal a que se estava referindo, que não fallára: fallou e bastante, visto que se mostrava mais uma vez a falta de coherencia, porque as bases do projecto estabeleciam esta limitação, e no projecto desapareceu este bom principio, contra o que reclamou, mas sem resultado. Que o que se passou o fez convencer de que estava perdendo o seu tempo, e que nada conseguia em favor do que a Sociedade desejava, por isso abandonou a discussão, mas não os trabalhos, porque queria assignar vencido, como fez

Que ainda tratou de outros pontos secundarios, mas

o que disse bastava, para provar que não tratou só da limitação de pharmacias, e que assim ficava justificado o seu procedimento.

Entrando-se na ordem da noite, o sr. Presidente diz que o parecer da Commissão de chimica, feito em consequencia d'uma consulta dirigida á mesma Commissão por Campos Palermo, não póde continuar a ser discutido, nem posto á votação, porque não está conforme as praxes estatuidas, isto é, assignado, pelo menos, pela maioria dos membros da referida Commissão. Diz mais s. ex.^a que se o submetteu á discussão, depois de ter segunda leitura, foi porque julgou que não daria occasião aos debates, que tem havido entre o consulente e o sr. professor Carvalho da Fonseca; mas como via, que uma polemica scientifica se tinha levantado, em que havia campos oppostos bem definidos, lhe parecia melhor não continuar a discutir-se, sem que a commissão o apresentasse nos termos que indicou, dada a importancia do assumpto, e que estava certo que o consulente a isso se não opporia.

O sr. Carvalho da Fonseca pede a palavra e diz que sustenta tudo quanto affirmára, como podia provar já, mas concorda, plenamente, que o parecer não seja posto á votação, por não estar conforme o que determinam os nossos estatutos; e que, se o mandou assim, foi com a ideia d'elle ser visto primeiramente pelos outros membros da Commissão. Que um está, actualmente, em Beja, onde é professor do Lyceu.

Diz que sente bastante a maneira como foi tratado pelo consulente, no decorrer da discussão; que não estava costumado a isso, e declara que a commissão não póde tornar a fazer mais trabalhos, sem que o laboratorio da Sociedade esteja em condições de nelle se poderem realisar esses trabalhos.

Campos Palermo pede a palavra e diz concordar tambem com o sr. Presidente, para ser retirado o parecer.

Emquanto ao sr. Carvalho da Fonseca, declara que estranha que sua ex.^a se estimulasse com as suas apreciações, sobre o parecer, pois que em questões scientificas não costuma haver contemplações; e cita os exemplos de Pasteur, Davaine, Duclause, Colin e outros, que não obstante, serem amigos pessoas e trabalharem todos pela sciencia e pela humanidade, nas suas discussões, nas sociedades scientificas a que pertenciam, chegaram por vezes, no calor da polemica, a quererem lançar-se uns aos outros.

Aqui nada d'isso succedeu: houve simplesmente discordancia, que a sinceridade obrigou a mostrar. Declara que manteve sempre boas relações d'amizade com o sr. professor Carvalho da Fonseca e que julga continuará a manter; mas que em assumptos d'esta natureza é intransigente, e que só os argumentos e os factos o podem convencer.

Foi approvedo, por unanimidade, que o parecer voltasse á commissão, para os fins indicados.

Tiveram 1.^a leitura tres propostas para socios correspondentes. Em seguida o sr. Presidente encerrou a sessão. Eram onze e meia horas da noite.

O 2.^o Secretario

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

Sessão de 25 de Junho de 1907

Presidencia do sr. João Mendes Carreiro

Socios presentes: Srs. João Mendes Carreiro, Ernesto de Castro, Armando de Campos Palermo, Francisco de Carvalho, Jayme José da Costa, Antonio Carvalho da Fonseca, Antonino Alves Barata, João Francisco de Jesus e José Nunes.

O 1.^o secretario, sr. Ernesto da Rocha e Castro, lê a correspondencia, da qual fazia parte um officio do eminente chimico portuense, sr. conselheiro Ferreira

da Silva, illustre professor de Toxicologia, Bromatologia e Chimica Legal da Escola de Pharmacia do Porto, agradecendo a intervenção da Sociedade, que resolveu representar contra a eliminação do Laboratorio Municipal do Porto, de que aquelle nosso consocio era director.

O sr. Presidente participa á assembléa que procurou mais d'uma vez o sr. presidente do conselho, conselheiro João Franco, afim de se desempenhar do seu mandato, que diz respeito ao dito laboratorio de que era director o sr. Ferreira da Silva, mas que não conseguiu falar com aquelle estadista, por andar sua ex.^a muito occupado.

Não obstante, que não descurará o assumpto, e que procurará falar com sua ex.^a, o sr. presidente do conselho, para assim cumprir o que n'elle delegaram.

O sr. Presidente diz que tambem procurou o sr. ministro da fazenda, afim de reclamar contra o abuso de estrangeiros, que mandam caixeiros a Portugal, preparar certas confecções, que denominam de medicamentos e aos quaes põem dísticos em estrangeiro indicando procedencia tambem estrangeira, burlando assim o povo e lesando os interesses da nossa classe.

O sr. professor Carvalho da Fonseca declara que se informou—por lhe ter constado—sobre se havia qualquer disposição ou projecto relativo a augmento do quadro dos pharmaceuticos do exercito, que é o mais pequeno do mundo; e se se projectava obrigar os navios mercantes, que transportem passageiros, a ter pharmaceutico a bordo, mas as informações que obteve não o satisfizeram, e bom será que se trate do assumpto.

O sr. Jayme Costa pede a palavra e propõe que a Sociedade interceda junto das instancias superiores afim de que os programmas de concurso, para pharmaceuticos do Estado, se harmonisem com o estado actual da sciencia pharmaceutica, pois os programmas existen-

tes são defficientissimos, tendõ o inconveniente grave de não dar a elucidação precisa ao jury para destrinçar os mais dos menos habeis.

O sr. Jayme Costa fundamenta a sua proposta com os exemplos dos ultimos concursos havidos em Lisboa, em que além da defficiência das provas, por insignificantes, se vê o mais completo antagonismo na orientação, o que causa justificados receios aos pharmaceuticos, que em todos os campos se dedicam mais aos assumptos da sua profissão.

O sr. Jayme Costa diz que o programma do ultimo concurso, para pharmaceutico do Hospital da Marinha, foi elaborado por um empregano de carteira do ministerio da marinha, estranho á classe.

A assembléa approvou por unanimidade a proposta do sr. Jayme Costa.

Não havendo nada a tratar na ordem da noite, foi resolvido, por indicação do sr. professor Carvalho da Fonseca, que se dêsse a palavra ao sr. Francisco de Jesus para fazer a sua dissertação sobre vinhos em geral e vinho de quina em especial.

O sr. Francisco de Jesus pede lhe relevem qualquer falta, que notem na sua exposição, porque não é um especialista no assumpto. Traz á assembléa unicamente o resultado dos seus estudos.

Começa o sr. Francisco de Jesus por descrever, com grande precisão, as treze principaes regiões viticolas do país. Depois passa a referir-se aos vinhos das varias regiões sob o ponto de vista da quantidade de tannino. Faz tambem referencia á materia corante de varias especies d'uvas, alludindo ao caso d'algumas a conterem na polpa. Aponta o caso da Pharmacopéa Portugueza tractar apenas da força alcoolica dos vinhos, quando para os vinhos medicinaes ha outros componentes importantes a considerar.

O sr. Carvalho da Fonseca pede ao orador que não

complete a sua exposição visto a hora estar muito adeantada, e desejar dizer alguma cousa sobre o assumpto de que o sr. Jesus se tinha occupado. O sr. Francisco de Jesus accedeu da melhor vontade.

O sr. professor Carvalho da Fonseca diz que a exposição do sr. Francisco de Jesus interessa apenas aos viticultores, que, porém, nada interessa á classe pharmaceutica. Declara que conhece a divisão em zonas vinicolas, mencionada pelo orador, pelo *O Portugal* ao ponto de vista vinicola fundamentada na classificação de Ferreira Lapa. Diz que sua ex.^a podia ter tratado a questão dos vinhos sob outros pontos de vista que mais interessam á pharmacia, como por exemplo, o desenvolvimento das leveduras na pellicula da uva que, como se sabe, produzem a fermentação alcoolica no mosto. Que se podia tambem referir ao tartaro que se vae depositando á medida que a força alcoolica augmenta e ainda ao papel importante que o tannino desempenha como precipitante dos alcaloides.

Sobre este ultimo ponto o sr. Carvalho da Fonseca cita as seguintes experiencias, que diz ter realisado quando fez a these, que pretendia defender para o concurso de professor de pharmacia das novas escolas, e que era sobre vinhos medicinaes. Segue o relato das experiencias.

O sr. Carvalho da Fonseca declara que adquiriu 2 cães, um de 80 kilos e outro de 60, para assim obter animaes de peso equiparado ao de uma pessoa. Ao primeiro cão fez ingerir 5^{cc} de Laudano de Sydenham, preparado que encontrou no Hospital Veterinario, quando para ali foi nomeado, tendo tido o cuidado de não levantar o deposito, que era bastante pronunciado. O cão não revelou a menor alteração. Com intervallos de 4 dias foi administrando 10, 25 e 50^{cc}, tendo observado nas ultimas doses que o cão tinha perdido o appetite e bastante salivação nas primeiras 24 horas, vol-

tando depois ao seu estado normal. Em todas estas experiencias não notou o mais leve symptoma de paralysis, tão caracteristico nas intoxicações pela morphina.

Como a dose administrada era relativamente grande, deu lhe uma injeção hypodermica de 15^{cc} do mesmo Laudano, tendo sido os effeitos os mesmos já citados.

Todos estes estudos foram acompanhados por um distincto veterinario. Como o cão estava abandonado e as experiencias já duravam quasi um mez, foi mandado abater. Analysado o deposito que o Laudano continha, encontrou a morphina em dose apreciavel.

A proposito falou o sr. Carvalho da Fonseca n'um caso de intoxicação, de que ia sendo victima um medico militar, que estava tomando strychnina em vinho do Porto, effeitos toxicos que só experimentou na ingestão da ultima porção do vinho.

Para mostrar depois a differença de actividade que tem o Laudano, quando se substitue o vinho pela mistura d'alcool e agua, diz que empregou no cão de 60 kilos uma injeção hypodermica de 10^{cc} de Laudano obtido com este ultimo excipiente, e que o cão a breve trecho experimentava a paralysis dos quartos trazeiros.

O sr. Carvalho da Fonseca diz que extrahi o alcool, depois do Laudano feito, nos casos que indicou, para se não attribuirem quaesquer symptomas que os cães manifestassem, ao alcool.

Declarou tambem sua ex.^a que os vinhos medicinaes, que contem alcaloides, não têm uma posologia determinada, pois a vão perdendo pouco a pouco, devido á acção do tannino do vinho que os vae precipitando, e para exemplo indica as experiencias physiologicas acima descritas.

Sobre este assumpto pedem a palavra os srs. Jayme Costa e Armando de Campos Palermo.

O sr. Francisco de Jesus manda para a meza um requerimento, para não ser dada a palavra aos socios

que a pèdiram, e que se encerrasse a sessão, por estar muito adeantada a hora, o que a assembléa approvou, ficando os oradores com a palavra reservada para a proxima sessão.

O 2.º Secretario

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

CHIMICA

Comprimidos enzymoscopicos para a verificação rapida dos leites pasteurisados, por Bruère, pharmaceutico ajudante de 1.ª classe do hospital militar de Maubenge.

A conveniencia da esterilisação do leite está confirmada ha muitos annos, como uma arma poderosa, na lucha contra certas doenças contagiosas.

A' falta dum processo ideal, que permittisse esterilisar o leite sem manipulações additivas, respeitando a natureza e propriedades dos seus principios constituintes, tem-se recorrido á acção bactericida do calôr, ainda que assim se destruisse a actividade dos fermentos solueis, que dão ao leite cru o seu character de liquido vivo.

Na Dinamarca uma lei prescreve a pasteurisação a 85º do leite destinado á alimentação publica; muito recentemente, em França, o ministro da Instrucção publica, por circular datada de 12 de março de 1906, ordena o uso exclusivo do leite fervido, nos estabelecimentos de ensino primario e secundario.

Taes medidas de hygiene não seriam efficases se não houvesse uma verificação judiciosa, susceptivel de se poder exercer a todo o momento e sem difficuldades praticas.

Muitos processos teem sido apresentados a este respeito, com o fim de differenciar o leite cru do fervido, e baseados na existencia, em certos leites e principal-

mente no de vacca, de fermentos soluveis, dotados d'actividades biochimicas diversas, cujas manifestações oxydantes ou reductoras desaparecem a 80°, temperatura minima da esterilisação efficaz.

A technica geral, para a caracterisação dos fermentos oxydantes, indicada pelo prof. Bourquelot, foi applicada pelo prof. Dupouy no estudo da lactanaéroxydase, fermento oxydante indirecto do leite de vacca, da seguinte maneira:

«Fazendo-se um soluto aquoso a 1:100 de guaiacol crystallizado, obtem-se um reagente que, misturado a um só volume igual de leite de vacca cru, produz immediatamente e a frio, com uma gotta d'agua oxygenada diluida a $\frac{1}{10}$, coloração vermelho-grenat, emquanto que a mistura fica incolor se o leite foi pasteurizado a mais de 80° ou fervido.»

Charles Jillet, repetindo as experiencias de Dupouy, verificou a existencia do fermento oxydante indirecto nos leites de cabra, de vacca e de ovelha, leites activos; e observa a sua ausencia no de burra, egua e cadella, leites inactivos; demais, num estudo aprofundado sobre o leite de mulher, este auctor demonstrou que a presença do fermento oxydante indirecto era accidental e junto a um retrocesso mais ou menos accusado, muitas vezes transitorio, do estado colostrual, antes que se podesse verificar ao microscopio a presença dos elementos figurados.

Sendo o leite de vacca que alimenta, quasi exclusivamente o mercado, a presença do fermento oxydante indirecto, que perde a sua actividade a 79°, permite verificar se um leite foi pasteurizado.

Proseguindos os seus trabalhos sobre o valôr dos comprimidos reactivos e dosimetricos, na execução rapida das pesquisas de ordem chimica e biologica, o auctor realisou muito simplesmente a reacção de Dupouy pelas duas formulas de comprimidos seguintes:

Comprimidos enzymoscopicos n.º 1 (guaiacol):

Guaiacol crystallizado..... 10 gr.
Lactose anhydra e pulverisada, secca a 100º 40 gr.

Misture intimamente a secco e divida em 200 comprimidos.

Caracteres. Por dissociação na agua, estes comprimidos fornecem um reagente guiacolado extemporaneo que, num meio contendo enzymas oxydantes, produz coloração salmão, podendo accentuar-se até ao vermelho-grenat nas seguintes condições:

1.º Directamente em presença de aéroxydases: fermentos oxydantes directos.

2.º Indirectamente por intermedio da agua oxygenada em presença de anéroxydases: fermentos oxydantes indirectos.

A agua oxygenada necessaria para esta reacção é fornecida pelos comprimidos enzymoscopicos n.º 2.

Comprimidos enzymoscopicos n.º 2 (per-borato):

Per borato de sodio anhydro, pulverizado 25 gr.

Divida a massa a secco em 100 comprimidos de 0 g,25.

Caracteres. Num meio aquoso estes comprimidos produzem uma agua oxigenada extemporanea de reacção alcalina.

Verificação da pasteurisação. Esta prova, por meio dos comprimidos enzymoscopicos, executa-se da seguinte forma:

Num tudo d'ensaio agita-se um comprimido n.º 1 com 5^{cm3} d'agua, depois juntam-se 10^{cm3} de leite que se mistura por agitação; normalmente, o leite deve conservar a sua côr primitiva. Junta-se um comprimido n.º 2 e agita-se.

O leite cru e fresco produz immediatamente coloração salmão, que se accentua rapidamente em vermelho-grenat.

O leite pasteurizado a $+ 80^{\circ}$ e à fortiori fervido, não muda de côr. Sobre o ponto de vista pratico, é preciso observar as diversas influencias, susceptiveis de destruir esta reacção.

Temperatura. O fermento oxydante do leite de vacca tem o maximo d'actividade entre 40 e 50° ; a reacção, paralysada pelo frio, produz-se normalmente a $+ 15^{\circ}$.

Leite antigo. A' medida que o leite envelhece, a reacção vae-se operando com uma lentidão progressiva e acaba por desaparecer completamente no fim de alguns dias; um tal leite poderia, portanto, ser considerado como pasteurizado. Guiado pela experiencias de Ch. Gillet, que observou que parece haver um maximo d'intensidade da reacção córada, que corresponde á neutralidade do meio, o auctor considerou o acido lactico como agente paralysador da acção do fermento.

Para um mesmo leite antigo, os comprimidos de perbrato (agua oxygenada num meio alcalino) teem dado reacção mais nitida e rapida que a agua oxygenada diluida ao decimo; o mesmo leite anteriormente neutralizado pelo bi-carbonato de sodio produz reacção immediata. Por consequencia, na presença de leites duvidosos, que não dêem a reacção córada ou mesmo que produzam coloração pouco nitida, opera-se como segue:

Num tubo d'ensaio junta-se um comprimido de bi-carbonato de sodio de $0,25$, 2 ou 3cm^3 d'agua e 10cm^3 de leite, e agita-se. Neste leite bi-carbonatado faz-se a reacção de Dupouy por meio dos comprimidos 1 e 2 nas condicções indicadas.

Agentes conservadores. A presença, no leite, d'agentes de conservação, como sejam o formol, borax, chromato de potassio etc., póde retardar a reacção, mas não a impede.

Diastases vegetaes. A mistura do leite com uma ma

ceração de farellos ou farinha pode servir para encobrir a ebullicão praticada com o fim de conservação no periodo de calores; neste caso, o fermento oxydante indirecto, levado pela maceração aquosa, produz coloração alaranjada, que muda em cinzento pelos comprimidos enzy-moscopicos n.ºs 1 e 2.

Leites oxygenados. Paul Adam dá o nome de leites oxygenados a leites a que se addiciona agua oxygenada, seja com o fim de os conservar, seja para obter a sua esterilisação a frio: leite per-hydratado de Behring.

Um leite oxygenado recente, cuja addição tenha sido effectuada pelo menos ha 8 ou 10 horas — póde revelar-se pela coloração salmão obtida directamente pelos comprimidos n.º 1.

Conclusões. — Resumindo, a reacção de Dupouy, que permite verificar a acção bactericida do calor sobre o leite pela desaparição concomitante do seu fermento oxydante á tempepatura minima de esterilisação efficaz, representa actualmente a pedra de toque mais segura para a verificação dos leites pasteurisados e fervidos.

A applicação do methodo, pelos comprimidos enzy-moscopicos, parece constituir uma modificação pratica, susceptivel de permittir uma prova rapida, e podendo apresentar por isto um interesse real, na prophylaxia das diversas doenças contagiosas pelos microbios pathogenicos do leite.

G. NASCIMENTO.

VARIÉDADES

**O concurso para chefe dos serviços
pharmaceuticos da Santa Casa da Misericordia**

(Continuado de pag. 116)

Como o jury tivesse auctorisado a fazer a pomada mercurial, como melhor conviesse aos conçorrentes, houve peripecias dignas de menção.

Assim, o candidato Albuquerque fez a pomada segundo a formula que tinha visto n'uma revista, a qual aconselhava a addição de sublimado corrosivo para a extincção do mercurio; e fez a pomada por este processo, com rapidez notavel; mas o jury não se conformou com este processo, dizendo que era contra as regras da Pharmacia.

Este ponto dava margem a larga discussão; mas, como queremos ser breve, passâmos adiante.

Sobre as pilulas houve ainda exterioridades de sapiencia da parte do presidente e do vogal Fragoso.

Pedindo nós espatulas de prata, de porcelana, vidro ou outra substancia não atacavel pelo azotato de prata, o sr. Fragoso teve um pequeno ataque de nervos, e perguntou, arrebatadamente, para que eram espatulas de prata? (falando só n'esta qualidade de espatula para fazer mais barulho e mostrar a exigencia do concorrente) pois nas pharmacias se faziam com espatulas de pau e ficavam muito boas.

E não quer o sr. Fragoso uma appendicite, porque julga saber mais que os mestres!... Vá para a escola, vá, porque tem os seus conhecimentos muito rachiticos e mal armazenados.

Pedi tambem, a este digno membro, um frasco escuro para metter as pilulas, e deu me um branco dizendo que não era preciso.

Agora, é capaz de vir dizer que as pilulas estão negras, porque foram mal feitas.

Se o sr. Fragoso fosse ao menos amador photographico, não faria d'estas.

O presidente collocou-se por detraz de mim e não me largou; e quando viu que uma das pilulas se desmanchou, perguntou-me porque tal havia succedido; ao que lhe retorqui que era frequente isso succeder, e que facil se tornava concerta-la, como fiz.

Sua ex.^a não se quiz conformar, dizendo que era

porque a massa não estava boa. Que tal está o da re-beca! A resposta era outra; mas emfim, é provavel, continuando o sr. Fragoço a *combater a tal tutela medica*, que os srs. medicos não impliquem com a maneira de enrolar pilulas.

Na ultima parte do concurso, isto é, o ultimo grupo que fez parte das provas praticas de pharmacotechnia, foi o composto pelos srs. Paiva, Rosa, Mario Judice d'Oliveira e Brandão. Quem executou melhor esta parte foi o pharmaceutico do Hospital de S. José, Paiva, não lhe ficando muito distante o sr. Brandão.

Tiveram o seguinte ponto:

1.º Pilulas de terpinol, eucalyptol e sabão vegetal secco e em pó.

2.º Empolas de sublimado corrosivo.

3.º Pomada de Wilkinson modificada por Hebra.

A pomada fizeram-n'a todos bem. Nas pilulas houve grandes embaraços.

O primeiro classificado em provas, depois de suar para fazer a massa pilular, deu-se por vencido, e pediu por fim que lhe fornecessem sabão inteiro para raspar, porque assim não podia faze-las. A massa chegou a estar boa, mas como houvesse demora na divisão e enrolamento, negou-se. Deram-lhe o sabão inteiro, e o sr. Oliveira raspou-o, conseguiu fazer as pilulas, mas deixando metade da massa agarrada á pedra, porque do contrario apresentaria enormes bôlos e não pilulas, o que não admira, porque o sabão n'aquellas condições contem grande quantidade d'humidade, e por isso o mandam empregar em pó e secco na estufa. Então como explica o jury este fracasso do primeiro classificado? A formula das pilulas, tal como está no formulario e foi dada aos concorrentes, não é executavel? Se não é reformem isso, e se é expliquem porque consentiram que a formula fosse modificada, alterando portanto o ponto no decorrer do trabalho.

O sr. Judice d'Oliveira allegou na occasião que o sabão não estava capaz.

Estaria o sabão como os reagentes? Mas os outros concorrentes fizeram as pilulas com o sabão que mandava a formula!

Descalcem lá essa bota como poderem; e agora será mais facil, porque já a descalçaram da primeira vez.

As empolas de sublimado foram feitas por todo o grupo, excepto pelo sr. Mario d'Oliveira. O motivo, porque o sr. Oliveira não fez as empolas, foi ter-se dado o phenomeno de, repentinamente, ter faltado a agua na pharmacia do Hospital, logo depois dos outros concorrentes terem acabado as suas esterilisações.

A pharmacia do Hospital de S. José não tem bomba pneumatica para encher empolas, não obstante haver umas baratissimas e que satisfazem plenamente, de forma que se um dia falta a agua de pressão ficam de braços cruzados sem poder encher as empolas.

Podiam ter alterado a technica para esterilisação das empolas de sublimado, e te-las enchido no autoclave; mas bastou um cabello para os prender.

Este caso foi admiravelmente remediado pelo presidente do jury, que teve a genial ideia de tirar uma das dez empolas d'um dos concorrentes, cortar-lhe o bico com uma *thesoura* e manda la fechar pelo concorrente Mario. Este fechou a empola, mas depois de fechada virou-a logo com o bico para baixo, dando em resultado estalar a empola, devido ao contacto do liquido com o vidro quente.

Este incidente aliás de esperar, procedendo assim, embaraçou o concorrente, mas o sr. presidente novamente deu outra empola, sendo esta melhor succedida.

Feito este perfeito trabalhinho, o sr. presidente considerou-se satisfeito, recolheu ao gabinete das decisões com os outros membros do jury, e decorridos 5 minu-

tos, appareceu com a lista geral na mão estando os premios distribuidos pela fórma que segue :

- | | |
|-----------------------------------|----------------------------|
| 1.º Mario Judice d'Oliveira. | } ex-equo pelos documentos |
| 2.º Brandão | |
| 3.º Campos Palermo | |
| 4.º Antonio José da Silva | |
| 5.º Januario Cunha. | |
| 6.º Abilio Raul Frazão. | |
| 7.º Paiva. | |
| 8.º Albuquerque. | |
| 9.º Vasconcellos. | |
| 10.º Julio Maria Nascimento Rosa. | |
| 11.º Achilleu Silvedo. | |

Não se torna difficil perceber quem devia ter ficado no primeiro lugar.

O candidato do grupo dos tres empatados, que tinha melhores documentos, era o sr. Brandão; era este, portanto, que devia ter ficado. Que tenha paciencia, porque se andar cá por este mundo mais algum tempo, ha de ver a repetição d'estes actos de *moralidade*.

Incontestavelmente, o candidato Silva andou melhor que o 1.º classificado. E' facto que se affastou um pouco da quantidade de oxygenio, que a agua oxygenada continha, e foi tão sincero, que o escreveu no relatorio, em vez de pôr a quantidade máxima que ella costuma conter para usos medicinaes, como fez outro concorrente mais esperto, porque o jury nem para ao pé d'elle se chegou, devido a estar esquecido da technica do calímetro; mas em compensação fez o seu ponto de pharmacotechnia com toda a correcção e completo, ao passo que o sr. Oliveira fez o que atraz ficou dito.

Tinha ficado bem collocado em 7.º ou 8.º o sr. Oliveira, mas quizeram os fados que fôsse para primeiro. Eu dou-lhe os parabens mais uma vez, como costume fazer aos meus amigos, quando melhoram de situação, não posso, porém, ficar calado perante uma tão grande

injustiça e deixar de verberar indignado o procedimento d'aquelles que a cometeram, e que foram os membros do jury.

E' a primeira vez que censuro um jury, porque costume sempre proceder com conhecimento de causa, e com elementos irrefutaveis, como agora, em que fui testemunha presencial de tudo que se passou e conhecedor ainda, de fonte segura, do que se não viu.

Se fosse concurso para uma repartição publica, ou para qualquer lugar onde fica quasi sempre o concorrente, que a politica impõe, não me incommodaria a fazer uma letra; mas tratando-se d'um concurso d'homens que se dizem de sciencia, revolto-me de ver vergada a consciencia, pela banal vaidade de querer ter nomeada e mostrar superioridades ficticias.

A todos se pode perdoar uma falta d'estas, menos ao sr. Fragoso que no ultimo dia de concurso nem o viu, levando todo o tempo a escrever n'uma pequena secretaria.

E não se perdôa ao sr. Fragoso porquê?

Porque o sr. Fragoso dá sempre a entender que é o mais sagaz dos pharmaceuticos, e talvez dos homens, e deixou-se enganar tão facilmente.

Porque o sr. Fragoso tem combatido a tutela medica e agora sujeitou-se a ella, com a aggravante de ser na occasião em que os professores das Escolas de pharmacia, onde ha medicos, protestaram contra o facto de fazerem parte dos juries dos exames de pharmacia individuos que não são pharmaceuticos.

Porque o sr. Fragoso censura o sr. Carvalho da Fonseca, dizendo que elle andou a gabar-se de ter preterido um homem de sciencia, quando do concurso para o hospital veterinario, e agora foi exactamente fazer parte do jury da Misericordia para sentir o prazer de dizer na sua imprensa que os collegas, que foram ao concurso, precisavam todos de palmatoria.

Porque o sr. Fragoso se deixou vergar, cometendo assim uma deslealdade.

Porque o sr. Fragoso tendo acabado de dizer que succedia mais uma infelicidade á classe pharmaceutica de Lisboa, porque ia perder o fornecimento de medicamentos, se prestou a ir contribuir para a realisação d'aquelle empreendimento.

São estas já razões sufficientes para justificarem a minha estranheza e indignação.

Não puguem tanta moral, que já tambem se não estranha tanto que a não pratiquem.

A coherencia vae sendo rara.

(Continúa). ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

**Casa da Sociedade — Obrigações sorteadas
em 25 de junho de 1907**

5, 46, 55, 57, 101, 114, 130, 158, 172, 175, 179, 206,
211, 215, 230, 247, 259, 267, 270, 314, 370, 394, 413,
415 e 447.

NECROLOGIA

Conselheiro Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro

Presidente Honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana

Ficámos dolorosamente surprehendidos com a noticia do fallecimento d'aquelle notavel estadista, que tão bons serviços prestou á classe pharmaceutica.

Com a sua morte perdeu a Sociedade Pharmaceutica Lusitana um grande amigo, em quem podia confiar, assim como o illustre extinto estava certo de que tinha na classe pharmaceutica verdadeiras dedicações; e nós eramos do numero dos que não esqueciam o muito que se lhe devia.

Está o Jornal paginado, e este numero é de julho, mas apesar do triste factio se dar hoje, 1 de agosto, não queremos deixar de manifestar já o immenso desgosto que elle nos causou.

F. DE CARVALHO.

JORNAL DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

Proprietaria — Sociedade Pharmaceutica Lusitana

Director — *Francisco de Carvalho*

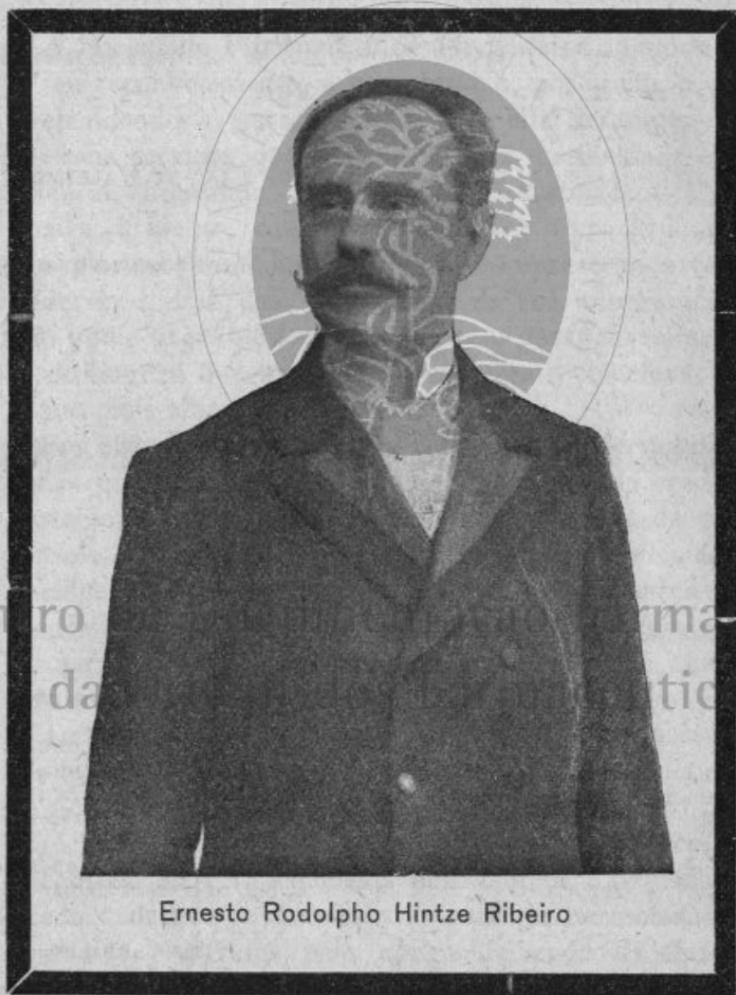
Redacção e Administração — Rua Sociedade Pharmaceutica

NO

Edificio da mesma Sociedade

Composto e impresso na Papelaria e Typ. Estevão Nunes & Filhos

Rua do Ouro, 58 — Lisboa



Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

Conselheiro Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro

Presidente Honorario e Socio Benemerito da Sociedade Pharmaceutica Lusitana

A Sociedade Pharmaceutica nunca deixa de mostrar o seu reconhecimento, a sua gratidão, por quem, comprehendendo a elevada missão que ella desempenha, os bons serviços que tem prestado á humanidade e á sciencia, honrando assim a classe pharmaceutica, a auxilia, a alenta, e, portanto, a anima a proseguir no seu glorioso caminho. Porque isto representa a verdade, e é uma das boas causas da sua importancia, não podia ficar indifferente perante o desaparecimento do homem que mais contribuiu para a sua elevação e que mais affirmou o seu prestimo.

Foi elle, esse homem eminente, dotado de nobilissimas qualidades; que era um erudito, grande orador parlamentar, um dos maiores, senão o maior da peninsula, pelos vastos recursos que a sua privilegiada intelligencia lhe fornecia, que satisfez os mais ardentes e mais justos desejos da nossa classe. Promettera reformar o ensino pharmaceutico, e nobremente cumpriu a sua palavra.

Todos os que assistiram á memoravel sessão solemne, que a Sociedade Pharmaceutica realisou no dia 17 de novembro de 1902, em que se prestou o devido tributo de gratidão ao estadista que tanto a nobilitára, e que tanto merecia as nossas homenagens e os nossos affectos, devem lembrar-se das palavras correctas, levantadas, proferidas pelo amigo dedicado da classe pharmaceutica, que ali foi receber e agradecer os seus

diplomas de socio Benemerito e Presidente Honorario, tão merecidamente concedidos.

Não é sem razão justificadissima, que dizemos, que Hintze Ribeiro era um bom amigo da classe pharmaceutica, que perdeu, na actualidade, com a sua morte, o maior e mais valioso defensor das suas regalias.

Com effeito, em diferentes sessões da Sociedade declarámos, como consta do seu jornal, que, o então illustre politico, reformaria o exercicio da pharmacia.

E affirmavamos isto, certos de que assim succederia, porque, como Presidente da Sociedade, que eramos, mais de uma vez fallámos com o conselheiro Hintze Ribeiro, sobre a refórma do exercicio profissional, vendo sempre n'elle a melhor vontade de nos servir, dizendo até, n'um dos ultimos dias que foi ministro: póde estar certo que hei de reformar o exercicio de pharmacia, que, como declarei na camara dos dignos pares, é o complemento indispensavel da refórma do ensino.

Era bom, pelos impulsos do seu coração, e amigo de fazer justiça, a quem mais ou menos a merecia, pois perdoava sempre offensas recebidas, por isso não admira, que desprezando pequenas coisas succedidas, só se lembrasse de que tinha amigos dedicados na classe pharmaceutica, e que esta era merecedora do seu valioso apoio. Não se esquecia da prova eloquente que a Sociedade Pharmaceutica lhe havia prestado, o que torna maior a falta que lhe faz Hintze Ribeiro. A perda de tão grande luctador, pelos destinos da sua e nossa querida patria, senão podia passar desaperecebida para nenhum dos factores que a compõem, é claro, pelas razões expostas, que aos pharmaceuticos causou verdadeiro pesar. A justificação d'estas palavras está no numero elevado de socios, relativamente aos seus meios de existencia, que accudiram ao convite feito pela Sociedade Pharmaceutica Lusitana, incorporando-

se no cortejo funebre do seu Presidente Honorario, que foi, na realidade, imponente, na triste realidade que representava, e constituiu uma verdadeira apothéose feita ao grande portuguez, que tão considerado era na Europa.

Que a morte de Hintze Ribeiro produziu na Sociedade Pharmaceutica Lusitana intenso pezar, prova-se ainda com o que se passou na sua sessão de 13 de agosto, em que todos se associaram, com verdadeiro sentimento, significativo na sua simplicidade e unanime manifestação, ás palavras realmente sentidas, que, com grande emoção, proferiu o illustre presidente effectivo e nosso amigo intimo sr. João Mendes Carreiro.

O que escreve estas palavras perdeu, incontestavelmente, um amigo pessoal, que sabia o desinteresse com que havia apreciado a sua obra pharmaceutica, e pela qual tanto tinha batalhado. Sabem os meus collegas que me refiro ao ensino pharmaceutico.

Nenhum favor pessoal lhe devia, porque só havia tratado de assumptos que interessavam ao bem geral da classe, sendo sempre recebido cavalheiramente, por isso tambem sou dos pharmaceuticos que mais sente o seu prematuro desaparecimento.

F. DE CARVALHO.

PEÇAS OFFICIAES

Sessão de 11 de Junho de 1907

Presidencia do sr. João Mendes Carreiro

Socios presentes: Srs. João Mendes Carreiro, José Alemão de Cisneiros Faria, João Francisco de Jesus, Francisco de Carvalho, Arnaldo Germano Freitas e

Silva, Paschoal José de Moura, Fernando Pereira e José Nunes.

Eram 10 horas e meia da noite, quando se abriu a sessão, e não estando presentes os secretarios da Mesa, foram convidados a exercer essas funcções o sr. José Allemão de Cisneiros Faria, como 1.º secretario, e João Francisco de Jesus como 2.º secretario.

Não foi lida a acta da sessão anterior.

Procedeu-se á leitura do expediente, no qual figurava uma carta do sr. José Antonio Gonçalves, pedindo esclarecimentos sobre a forma porque pode entrar para socio da Sociedade.

Ordem do dia

Foram approvados socios, depois de 2.ª leitura de propostas, por unanimidade de votos, os srs. Raul de Campos Palermo, Antonio Maria da Silva Malheiros e M. Augusto Pimentel Teixeira.

O sr. Presidente declara que na sala estão apenas seis socios, por terem saído dois em seguida á votação, e que por esse motivo vae encerrar a sessão.

Eram 11 horas.

O socio servindo de 2.º secretario

JOÃO FRANCISCO DE JESUS.

Sessão de 9 de Julho de 1907

Presidencia do sr. João Mendes Carreiro

Socios presentes: — Srs. João Mendes Carreiro, Arnaldo Germano de Freitas e Silva, Francisco de Carvalho. Armando de Campos Palermo, Antonio Carvalho da Fonseca, Alberto da Costa Veiga, João Francisco de Jesus e José Maria Cerqueira Affonso.

Não tendo comparecido o sr. 1.º secretario, convidou o sr. Presidente um dos socios mais novos a occupar

o seu logar, cahindo a escolha em o sr. Freitas e Silva.

O 2.º Secretario leu as actas das sessões de 28 de maio, 11 de junho e tambem de 25 de junho de 1907, que foram approvadas.

O sr. Carvalho da Fonseca levantou um incidente sobre quem devia occupar o logar de 1.º secretario quando este não comparecesse ás sessões. Depois de terem tambem falado sobre este assumpto os srs. Francisco de Carvalho e Alberto Veiga, o sr. Presidente declarou que em harmonia com a nossa lei, que leu, quem deve occupar o logar de 1.º secretario, quando este não compareça, é um dos socios mais novos, que se acha presente, tal como havia feito, e não o 2.º secretario.

O sr. Alberto Veiga pede a palavra para declarar que se estivesse presente na sessão em que se tratou da reclamação contra a eliminação do Laboratorio Municipal do Porto, se teria associado com a melhor das vontades á manifestação feita ao sr. conselheiro Ferreira da Silva, illustre socio honorario.

Leu-se a correspondencia, da qual fazia parte um officio do sr. Mattos Miranda, em que este consocio diz ter sido instado para fazer parte da commissão encarregada de rever e apresentar parecer sobre o projecto de reforma de exercicio profissional elaborado por uma commissão official, e que com grande sacrificio accitou aquelle cargo, mas que não podendo continuar a exerc-lo, se demittia de presidente da mesma commissão.

Diz tambem, o sr. Mattos Miranda, que o seu officio é motivado pelo que a Sociedade lhe enviou, perguntando-lhe pelos trabalhos da referida commissão e pelos da commissão de pharmacia, declarando relativo a estes ultimos, que tem trabalhado e que espera brevemente apresentar parecer. Agradece tambem os pezames que lhe enviaram pela morte de seu tio.

O sr. Cerqueira Affonso diz ter insistido com o sr. Mattos Miranda, para que elle continuasse na commissão que tratava da refórma de exercicio, mas que não tinha conseguido demover s. ex.^a do seu proposito.

O sr. Presidente participa á assembléa que, tendo sabido do fallecimento do tio do sr. Mattos Miranda, lhe tinha mandado os pezames, em nome da Sociedade, havendo-lhe sido expedido um officio assignado pelo sr. 1.^o secretario n'esse sentido.

O sr. Francisco de Carvalho usa da palavra para dizer que era verdade ter o sr. Mattos Miranda accettato o logar de presidente da commissão, bastante constrangido, e a seu pedido, por serem muitas as suas obrigações.

E' lido um officio da commissão promotora da homenagem a Bernardino Machado, convidando a Sociedade a fazer-se representar na manifestação.

Os srs. Presidente e Francisco de Carvalho dizem que a Sociedade deve agradecer o convite; mas que, embora se trate de um homem digno do nosso respeito e de toda a consideração, não póde fazer-se representar, porque a nossa lei não lhe permite manifestar-se em assumptos mais ou menos politicos.

O sr. Freitas e Silva pede a palavra sobre o assumpto, e diz ser de parecer contrario, pois a Sociedade manifestando-se, iria prestar homenagem ao educador e ao homem de virtude exemplar. Faz a apologia do sr. conselheiro Bernardino Machado e refere-se á questão academica. N'esta altura, porém, o sr. Presidente faz sentir ao sr. Freitas e Silva que não póde continuar d'aquella fórma, pois que está tratando de assumptos politicos, o que prohibem, terminantemente, os nossos estatutos. O sr. Freitas e Silva insurge-se contra as observações do sr. Presidente; e como este não permite que o sr. Freitas e Silva continue n'a-

quella ordem de ideias, pede, verbalmente, a sua demissão e retira-se.

A convite do sr. Presidente toma o lugar de 1.º secretario o sr. Cerqueira Affonso.

O sr. Presidente agradece a valiosa offerta de livros, feita pelo sr. Alberto Veiga á Sociedade.

Tambem o sr. Presidente propõe um voto de sentimento, á que todos se associaram, pela morte da esposa do nosso collega Manuel Falcoeira, antigo socio e antigo secretario da Sociedade, que exerce a pharmacia no Rio de Janeiro, onde, para isto, fez o seu exame de pharmacia, com a apresentação do diploma conquistado numa das nossas escolas.

Que está lá honrando o nome portuguez, o que dizia com satisfação, e foi recebido com agrado.

Ainda o sr. Presidente communica que esteve no ministerio do reino até depois das 6 horas da tarde, com o sr. Fausto de Figueiredo, digno 1.º vice-secretario, e que chegou a entrar na sala das recepções; mas que eram tantos os que queriam fallar ao sr. ministro do reino, que, reconhecendo que mal lhe poderia fallar, se retirou; que a representação, porém, relativa ao Laboratorio Municipal do Porto, ha-de ser entregue brevemente, e que o sr. conselheiro João Franco ficou sabendo que era para isto que a Sociedade se lhe dirigia.

O 2.º Secretario

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

Sessão de 30 de Julho de 1907

Presidencia do sr. José Pedro Estansláu da Silva

Socios presentes: — Srs. José Pedro Estansláu da Silva, Alberto Veiga, Fernando Mendes Pereira, João Francisco de Jesus, Domingos Estansláu da Silva,

Gaspar Maria do Nascimento, Jayme José da Costa, Luiz Fernandes Martins, Filippe Pereira de Mattos Miranda, Fausto de Figueiredo, Armando de Campos Palermo, Ernesto dos Santos, Rodrigo da Silva Ramos, Sebastião Victo d'Abreu e Silva e Mario Hugo da Costa Santos.

Não tendo comparecido o 1.º secretario, o sr. Presidente convida a occupar o seu logar, o sr. Fernando Mendes Pereira.

O 2.º secretario procedeu á leitura da acta da sessão de 9 de julho corrente.

Pede a palavra sobre a acta o sr. Francisco de Jesus que disse não dever constar da mesma, que o sr. Freitas e Silva tinha pedido a sua demissão, no decorrer da sessão, visto não poder fazê-lo em face dos estatutos.

O 2.º secretario declara que cumpriu apenas o seu dever, relatando na acta o que se passou na sessão; e que se o sr. Freitas e Silva não podia pedir a sua demissão, verbalmente, em plena sessão, tinha sido s. ex.ª quem havia transgredido os estatutos e não elle, que os tinha cumprido integralmente.

O sr. Fausto de Figueiredo pede a palavra, e diz que o 2.º secretario cumpriu o seu dever; e que elle e os mais socios que não compareçam em qualquer sessão, teem, contudo, o direito de saber o que n'ellas se passa; e que é pelas actas que teem de se regular.

O sr. Alberto Veiga é do mesmo parecer do sr. Fausto de Figueiredo.

Foi approvada a acta, por unanimidade, sem emendas.

O 1.º secretario lê a correspondencia, na qual se destaca um officio do Centro Pharmaceutico Portuguez, do Porto, convidando a Sociedade a fazer-se representar na grande reunião de classe, para se tratar do descanso semanal.

O sr. Presidente declara que, segundo as informações que obteve, dos seus collegas da mesa, o officio foi recebido em 24 do corrente, tendo a data de 23, e que a reunião devia effectuar-se em 27, pelo que se tinha tornado impraticavel, qualquer convocação para se deliberar o que havia a fazer, devido a tão pequeno espaço de tempo.

O sr. Francisco de Jesus diz que é de parecer que se faça uma reunião especial, para tratar d'este assumpto.

O sr. Presidente convida-o a fazer proposta.

Campos Palermo declara que está d'accordo, que haja uma sessão especial para tratar do assumpto, mas entende que ella só deve realisar-se depois de se ter officiado ao Centro Pharmaceutico do Porto, pedindo-lhe o resultado a que chegarem; e que tomando por base os trabalhos ali elaborados, a Sociedade entre na discussão de tão importante questão.

Fundamenta a sua proposta, dizendo que, depois de haver resoluções tomadas pelos nossos collegas do Porto, que tiveram a deferencia de nos convidar para os seus trabalhos, seria de má orientação ir fazer um trabalho novo, em que podia haver incompatibilidades grandes com o do Porto, embora alvejassem o mesmo fim, mas que teria por resultado o enfraquecimento d'ambos.

Foi approvada a proposta do sr. Francisco de Jesus, com o additamento de Campos Palermo.

Leu-se um officio do sr. Freitas e Silva, que faz referencias pouco proprias á assembléa e ao Presidente effectivo, sr. João Mendes Carreiro.

N'esse officio, d'entre outros periodos, salientam-se estes: «Quando entrei para essa Sociedade não contava com o espirito conservador das assembléas e com a incompetencia de V. Ex.^a»

«Só ahi voltarei quando vir que a orientação é outra e outra gente frequenta a Sociedade, etc.»

O sr. J. P. Estanislau da Silva declara que o motivo que o levou, na qualidade de vice-presidente da Sociedade, a assumir o logar de Presidente na assembléa de hoje, foi por ter recebido uma carta do sr. João Mendes Carreiro, dignissimo Presidente d'esta Sociedade, em que, com palavras de magoa, faz vislumbrar o desgosto profundo que lhe causára o desacato feito pelo sr. Freitas e Silva á Sociedade e, principalmente, a elle, que era o mais visado.

N'essa carta, que leu, pedia o sr. Presidente, que occupasse o sr. Estanislau da Silva o seu logar, pois não sabia se voltaria mais a exercer as funcções de Presidente, porque isso dependia da solução que fosse dada ao incidente pela Sociedade.

O sr. Estanislau da Silva terminou a leitura da carta bastante commovido e disse: que ha vinte e tantos annos que era membro da Sociedade, e que nunca tinha visto procedimento identico da parte de socio algum. Diz que emquanto durar aquelle incidente, não póde continuar n'aquelle logar, porque não é simplesmente um collega e consocio de Mendes Carreiro; é tambem um seu intimo amigo, e por isso pede ao sr. Fernando Mendes Pereira que exerça as funcções de Presidente, emquanto elle, para melhor poder expandir o seu sentimento por aquelle estranhavel factó, vae tomar logar na assembléa.

Occupá, pois, a cadeira de Presidente o sr. Mendes Pereira, e o sr. Estanislau da Silva pede que lhe seja concedido continuar no uso da palavra, o que lhe é deferido.

O sr. J. P. Estanislau da Silva continua dizendo que lhe tinha sido bastante dolorosa a noticia da ingratição, da flagrante injustiça praticada para com o digno presidente d'esta Sociedade.

Que João Mendes Carreiro tem sido um dos mais desvelados amigos da Sociedade, tendo occupado quas

todos os cargos do funcionalismo da Sociedade, com dedicação rara, e muita aptidão.

Foi elevado a Presidente da Sociedade pelo conhecimento verdadeiro, que todos tinham dos relevantes serviços que a ella havia prestado, e por todos conhecerem ser elle um espirito de ordem e conciliação.

Abusou, talvez a Sociedade d'elle, exigindo-lhe mais este difficil encargo, quando é certo que só com grande sacrificio, como tem feito, elle podia cumprir o seu mandato, devido á sua vida pensionada; mas quando lhe disseram que a Sociedade precisava dos seus serviços, esqueceu tudo para só d'isso se lembrar.

Ha só uma attenuante, se isso se lhe póde chamar: é que o socio, que tão mal se conduziu, é de ha meia duzia de dias, e nem a vida pharmaceutica exerce, pelo que não admira que desconheça aquillo que devia conhecer.

Esse socio, que tem mostrado sempre, ser muito arrebatado, podia n'um impulso commetter qualquer imprudencia; mas, pensadamente, decorrido dias d'um conflicto insignificante, havido n'uma assembléa, vir acintosamente offender a Sociedade e a pessoa do seu esclarecido Presidente, é commettimento que não tem desculpa, e que precisa ser punido.

O sr. Presidente diz que não sabe se tornará a occupar o logar para que o elegêmos, porque isso depende da resolução que a Sociedade tomar sobre o assumpto. Pena é que sua ex.^a não esteja ouvindo as nossas palavras, para não ter duvidas, e saber que ainda ha justiça, que ainda ha gratidão e que ainda ha recompensa para aquelles que possuem um caracter como o d'elle.

Que não terminará sem informar a Sociedade de que o nosso consocio sr. Francisco de Carvalho, não está em Lisboa, por ter ido á Chamusca, devido a um motivo imperioso; mas escreveu-lhe, e na carta mostram o sr. Carvalho a sua magoa «pela offensa feita a

quem, pelo seu elevado character, intelligencia e serviços prestados, só merece gratidão e nunca offensas».

Que lhe pede para informar d'isto a Sociedade, e que «o considerem presente, para tudo quanto tenda a desaggravar quem só merece louvores, e foi d'uma grande benevolencia para com o sr. Freitas e Silva, deixando-o falar livremente, e só intervindo quando se excedia e compromettia o prestigio da Sociedade.

«Que ficassem, pois, todos certos, que se associava, com enthusiasmo, como socio e amigo sincero que é de João Mendes Carreiro, pelas suas nobilissimas qualidades, á manifestação que se lhe faria, da qual não duvidava, por conhecer que a Sociedade quer ordem, e que se mantenham as suas nobres tradições.»

Por fim, o sr. José Pedro, declarou que gostosamente informára a assembléa do sentir do sr. Francisco de Carvalho, e que passava a apresentar a seguinte moção:

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, attentas as incorrecções manifestadas verbalmente, e em officio de 22 do corrente, pelo socio sr. Arnaldo de Freitas e Silva, resolve, sem mais considerações, acceitar a demissão de que trata o citado officio do referido socio, e declarada pelo mesmo senhor na sessão ultima, em que abandonou o logar de secretario que estava exercendo e a propria sessão; e, commentando este facto, muito mais o sente por ter havido n'esse incidente offensa ao nosso illustre e presadissimo Presidente, a quem a Sociedade confere as mais elevadas provas de estima e apreço, attentos os seus meritos pessoaes e profissionaes, além dos muitos e importantes serviços prestados a esta corporação pela sua intelligencia, dedicação e zeloso criterio; e desprezando, como merecem, os factos que inibem o mesmo sr. Presidente de estar n'este momento occupando o seu elevado car-

go, convida-o grata e carinhosamente a continuar no desempenho da sua missão, declarando-lhe firmemente que repudia por inconvenientes e insensatos, os fundamentos que originaram os tão respeitáveis melindres de S. Ex.^a, e, considerando findo o incidente, passa á ordem da noite.

O socio honorario

JOSÉ PEDRO ESTANISLAU DA SILVA.

Pede a palavra sobre a moção o sr. Francisco de Jesus. Levantam-se varios socios, que dizem, que se a moção não fôr votada, por unanimidade, sahirão de socios.

O sr. José Pedro Estanislau da Silva diz que deve ser concedida a palavra ao sr. Francisco de Jesus, porque é provavel que elle, como proponente do sr. Freitas e Silva, se queria justificar de o ter proposto.

O sr. Francisco de Jesus responde, exactamente.

E' dada a palavra ao sr. Francisco de Jesus, que declara não concordar com o officio do sr. Freitas e Silva, nem com a demissão que pediu na ultima sessão, por não poder faze-lo; mas attribue isso a levianidade, e que tem a certeza de não querer aquelle socio offender o sr. Presidente.

O sr. Fernando Mendes Pereira diz, que conhece muito bem o sr. Freitas e Silva, porque foi seu discipulo, durante 10 mezes. Sabe que foi uma creancice mas, que creancices d'aquellas, que se punem, e é o que a Sociedade vae fazer.

Sua ex.^a declara que um officio d'aquelles dirigido a um homem, como Mendes Carreiro, é desprezivel.

Campos Palermo requer que seja posta a moção á votação com prejuizo dos oradores inscriptos. E' approvado por unanimidade.

Posta a moção á votação foi approvada por unanimidade.

Depois da votação o sr. Francisco de Jesus pede que;

seja novamente lida a moção, porque diz não ter ouvido bem, mas o sr. Presidente responde que não póde mandar fazer a leitura da moção, porque já foi votada e unanimemente approvada.

O sr. Francisco de Jesus declara que então rejeita.

O sr. J. P. Estanislau da Silva retoma o seu logar.

Ordem da noite *

Teve 1.^a leitura uma proposta para socio correspondente.

Em seguida o sr. Presidente encerrou a sessão. Eram onze horas e tres quartos da noite.

O 2.^o secretario

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

VARIEDADES

O concurso para chefe dos serviços pharmaceuticos da Santa Casa da Misericordia ¹

(Continuado de pag. 140)

Sobre o ultimo concurso ficaram alguns dos nossos collegas em duvida do motivo porque houve duas classificações.

Eu esclareço.

Como disse, o concurso era de provas praticas e documentaes. As provas praticas constaram d'uma analyse chimica *ad hoc*, e de duas preparações pharmaceuticas pelo mesmo systema.

Ficaram classificados no 1.^o grupo, com 15 valores, o signatario, Joaquim Pedro de Moraes, Jayme José da Costa, Fausto Cardoso de Figueiredo e Simões.

¹ Ainda sômos obrigados a retirar parte do artigo do nosso illustre consocio sr. Armando de Campos Palermo, que publicaremos em o numero seguinte.

Houve outro grupo de 14 valores de que fez parte o sr. Horacio Pimentel e mais alguns.

Houve ainda outras classificações interiores, tendo ficado dois pharmaceuticos de 1.^a classe desclassificados.

O parecer, com as classificações, foi mandado para a Direcção Geral de Marinha, onde depois foi submettido á apreciação d'uma junta composta de 4 medicos, que fizeram depois um parecer final, em que classificaram os concorrentes, segundo as provas praticas e documentaes.

Foi esta junta que simplesmente classificou pelos valores das cartas, não se importando com a cathegoria de cursos, attribuindo á parte pratica um valor muito insignificante.

O jury do concurso da Marinha deixou a melhor impressão nos concorrentes, o que contrastou bastante com o tal jury apedantado da Misericordia.

D'esse jury fizeram parte os nossos collegas srs. Joaquim Urbano da Veiga e Bento Pereira Pedroso, collegas que se portaram dignamente.

Agora comece o sr. Fragoso a descarregar palmas, toadas n'um dos segundos classificados em provas, que, a quem incharão as mãos, será aos concorrentes que ficaram mais abaixo, e entre elles está o tal, que pena é que não tivesse ficado, pelos dotes de saber e intelligencia, e por quem o *illustre sabio* quebrou lanças, quando foi do concurso para Lente de Pharmacia, mas a quem não achou competencia para a Misericordia.

Não terminámos no numero antecedente a nossa narração, sobre o edificante concurso para pharmaceutico da Misericordia, devido á muita abundancia de original relativo a assumptos que não podiam ser addidos, pelo que só parte do nosso artigo foi publicado.

Vamos fazel-o hoje, pois não só já o tinha prometido, como tambem depois da confissão do sr. Emilio Fragoso, em que dá claramente a entender que estava incommodado de saude, quando fez parte do jury do concurso, o que o obrigou a estar sentado e a não acompanhar convenientemente os trabalhos — que foram algo movimentados — não quero, por fórma alguma, perturbar a sua convalescença. O que podia era ter dito isso ha mais tempo, e não estar a esforçar-se por mostrar a legalidade d'aquillo.

Não obstante o sr. Fragoso ter classificado de estopante a minha narração, o caso é que pouco ou nada tem dito que contradiga as minhas afirmações.

Sobre as suas pegadilhas, vou eu dizer :

O sr. Fragoso accusa-me de pouca memoria, dizendo ter eu escripto no penultimo numero que elle tinha feito interrogações ao sr. Silva, sobre o sôro physiologico gelatinado, quando este o ia esterilisar. Leia o sr. Fragoso outra vez e verá que não está lá isso, mas sim que tinha sido o sr. presidente Alfredo Luiz Lopes.

E' pois s. ex.^a que não lê bem, e não eu que estou falho de memoria, que é uma das melhores coisas que actualmente possuo.

Outro ponto a que se refere o sr. Fragoso, é o ter eu derramado o mercurio quando estava fazendo a tomada.

Quem lêr aquillo ha de julgar que quando eu estava extinguindo o mercurio o fazia de modo que era projectado para fóra do gral.

Pois não é nada d'isso.

O sr. Fragoso lança mão dos seus dotes de prestigitador, mas nós cá estamos para lhe descobrir as sortes.

O que se deu, foi o seguinte :

Fiz a tara a uma capsula, para n'ella pesar o mercu-

rio. Este estava dentro d'uma botija, que devia conter approximadamente uma arroba d'este irrequieto metal, dando em resultado ter que fazer exercicios athleticos para o deitar na capsula, indo um dos jactos do mercurio bater n'um dos pontos da parede da capsula, tombando-se esta, o que era facilimo n'estas condições, devido á grande convexidade do seu exterior.

Foi por isto que se entornou o mercurio, e não pelo que o sr. Fragoso quiz fazer entender. Sobre este ponto nem de leve o jury deveria tocar, porque obrigou — devido á insufficiencia do aparelho — os concorrentes a supportar, durante mais de hora e meia, o nocivo e fétido cheiro a ovos pôdres do sulphydrico.

A fartura foi de tal ordem que os metaes, que, digase a verdade, estavam bem limpos, ficaram completamente negros.

Disse ao presidente que nos estavam envenenando e que aquillo devia ser feito d'outra fórma, mas aquelle illustre *pharmacotecnico* respondeu que não fazia mal, porque a casa era muito grande.

Parece que gosta d'aquelle cheiro . . .

Outra referencia do sr. Fragoso: é sobre o sulfo-cyaneto de potasio, cujo soluto estava vermelho, e que portanto esse reagente devia ser inutilisado, porque devendo o seu soluto ser incolor e dar com os saes ferricos uma coloração vermelha, desde que já o estivesse, dar-nos-ia sempre a reacção dos saes ferricos, embora os não houvesse.

O sr. Fragoso então diz que ha muitos vermelhos e que aquelle é sanguineo, e eu me esqueci de o dizer.

Temos conversado, senhor Fragoso! . . .

Leia a analyse chimica do nosso mallogrado collega e compatriota Roberto Duarte Silva, no artigo reagentes, e ahi verá que a solução do sulfo-cyaneto de potasio é bastante alteravel, e que o eminente chimico diz que aquelle reagente é o melhor dos saes ferricos

com os quaes dá uma coloração *rouge*; e lá não o havia capaz.

Parece-me que a traducção de *rouge* é vermelho, e não indica sanguinio ou qualquer outro tom.

Já vê que se este humilde pharmacopola merece palmatoadas por ter escripto aquillo, tambem o illustre morto as ha de sentir, e outros distinctos chimicos.

O senhor Fragoso á falta de ter onde pegue, agarra, na verdade, em coizas muito escorregadias.

Com respeito á exclamação do sr. Fragoso... Isso são altas chimicas! quando eu pretendi fazer a reacção da chlorhydrina chromica, para confirmação da existencia de chloretos no sulfato de sodio, confesso que a fiz, pois diz que até encolheu os hombros com aquella inutilidade, porque todo o soluto tinha dado abundante precipitado com o azotato de prata.

Era evidente que se tratava de chloreto.

Ai! palmatoria, palmatoria! que bem precisas ser agarrada pelos 5 olhos em vez de ser pelo cabo...

Pois o sr. Fragoso não sabe que o Azo^3Ag é um reagente geral dos acidos ou do genero dos saes, assim como o SH^2 o é dos metaes.

O azotato de prata dá precipitados brancos, abundantes com diversos corpos, segundo a natureza e quantidade d'estes.

O que Roberto Duarte da Silva e todos os chimicos não omitem é a caracterisação d'esse precipitado, que é importantissima, pois facilimo é confundil-a, e o sr. Fragoso, que d'esta vez queria as minuciodades todas, deixa escapar isto, com a aggravante de ser na occasião de estar censurando outrem que falou em vermelho e não disse sanguineo, como se elle conhecesse outras reacções do sulfocyaneto de potasio com outros corpos e que dêem vermelho sem ser sanguineo...

(*Continúa*)

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

JORNAL DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

Proprietaria — Sociedade Pharmaceutica Lusitana

Director — *Francisco de Carvalho*

Redacção e Administração — Rua Sociedade Pharmaceutica

NO

Edificio da mesma Sociedade

Composto e impresso na Papelaria e Typ. Estevão Nunes & Filhos

Rua do Ouro, 58 — Lisboa

PEÇAS OFFICIAES

Sessão de 13 de Agosto de 1907Presidencia do sr. **João Mendes Carreiro**

Socios presentes : Srs. João Mendes Carreiro, Francisco de Carvalho, José Cerqueira Affonso, Paschoal José de Moura, João Francisco de Jesus, Jayme José da Costa, Luiz Seabra Lopes e Gaspar do Nascimento.

Aberta a sessão ás 9 ¹/₂ horas da noite, e, não tendo podido comparecer os srs secretarios, foram convidados, pelo sr. Presidente, a occupar os logares de 1.º secretario o sr. José Cerqueira Affonso e de 2.º secretario o signatario.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior, depois dos srs. Francisco de Carvalho e Paschoal José de Moura justificarem a sua falta á sessão citada, sentindo não terem podido comparecer para, pessoalmente, se associarem á fórma correcta e digna, em que a assembléa se manteve no percurso do lamentavel incidente que se deu.

O sr. Presidente agradece as palavras que acabam de lhe ser dirigidas, e congratula-se pelo facto da Socie-

dade ter desagradado, tão levantadamente, um dos seus funcionarios duramente offendido.

O sr. Presidente disse a seguir: Que tinha a cumprir o doloroso dever de participar á Sociedade o fallecimento do seu illustre Presidente honorario sr. Conselheiro Hintze Ribeiro em cujo funeral se incorporaram muitos membros da classe pharmaceutica ou fosse por expontanea deliberação ou fosse em virtude do convite que, para tal fim, a Mesa resolveu publicar em alguns jornaes da capital.

Que pensou proferir, junto do tumulto do insigne estadista, algumas palavras expressivas do sentimento geral da classe, que alli representava; mas, assim como aconteceu ao representante da Academia Real das Sciencias e a outras individualidades, foi-lhe impossivel realizar o seu intento, em virtude da hora avançada a que terminou o discurso do ultimo orador.

Do logar que occupa e na primeira sessão realisada apoz o triste acontecimento, impõe-se-lhe o dever de prestar culto á memoria de tão prestimoso amigo da classe pharmaceutica.

Que a reforma do ensino, com que o sr. Conselheiro Hintze Ribeiro nobilitou as funcções sociaes do pharmaceutico portuguez, conquistava lhe o direito á consagração que se lhe fez n'essa belia festa inaugural do seu retrato, sessão inolvidavel, na qual a palavra fluente, brilhante e correctissima do grande homem d'estado arrancou frémios d'enthusiasmo e de carinhosa admiração a todos que desvanecidamente o escutaram.

Elle era ainda uma risonha esperanza para a classe pharmaceutica, porque lhe havia promettido a reforma d'exercicio profissional, que elle mesmo reputava o complemento necessario da reforma do ensino, promessa que certamente cumpriria na primeira situação ministerial a que presidisse.

Se é licito, pois, ao paiz, em geral, chorar a perda

de tão insigne e preclaro cidadão, ponderando as bellas qualidades que lhe esmaltavam a intelligencia e o character, é dever indeclinavel da classe pharmaceutica abençoar compungidamente a sua memoria, envolvendo-a nos suaves effluvios da mais legitima e perduravel gratidão.

Finalisa propondo que na acta se consigne um voto de profundo pezar pelo passamento do conselheiro Hintze Ribeiro, que á sua inconsolavel e amantissima esposa se dêsse conhecimento do facto, e que a sessão fosse encerrada em tributo de saudade e respeito pela memoria do chorado estadista.

O sr. Francisco de Carvalho approvando o apresentado pelo sr. Presidente, e depois de proferir sentidas palavras ácerca de tão luctuoso acontecimento e de mostrar tambem o muito que a Sociedade perdeu, lembra que a Mesa seja encarregada de transmittir á viuva do illustre extincto, os sentimentos da Sociedade.

Todos os socios presentes, usando da palavra, approvaram os alvitres apresentados pelos oradores antecedentes, tendo palavras de verdadeira magua pelo falecimento de tão prestante cavalheiro, depois do que, foi encerrada a sessão. Eram 10 1/2 horas da noite.

O socio servindo de 2.º secretario

GASPAR DO NASCIMENTO.

da Ordem dos Farmacêuticos

Sessão de 27 d'Agosto de 1907

Socios presentes: Srs. João Mendes Carreiro, João Francisco de Jesus, Jayme José da Costa, José Nunes, João Filippe de Mattos Miranda, José Allemão Cisneiros de Faria, Armando de Campos Palermo, Luiz Fernandes Martins, Gaspar do Nascimento, Valladas Preto,

Francisco de Carvalho, Paschoal José de Moura e Alberto da Costa Veiga.

Não estando presente o 1.º secretario, o sr. Presidente convidou a occupar o seu lugar o sr. Luiz Fernandes Martins.

Lida e approvada a acta da sessão anterior (13 de agosto de 1907) o primeiro secretario procedeu á leitura da correspondencia, na qual havia uma carta d'um collega, consultando a Sociedade sobre se podia nos domingos, dia destinado para o descanso da maioria das classes trabalhadoras, vender productos que outros estabelecimentos tambem costumam vender, taes como vinho do Porto.

A assembléa manifesta-se no sentido de que todos os pharmaceuticos podiam exercer o seu mister, fosse qual fosse o dia, e que, portanto, podia vender tanto n'aquelles dias como nos outros, o que até aqui a lei lhe tem permitido vender.

Como o consulente especificasse o vinho do Porto, duvida alguma ha sobre a venda d'este producto, quando destinado a convalescentes, pois se encontra no codigo official que é a Pharmacopéa Portugueza, e no regimento de preços.

O sr. Francisco Jesus falou por algum tempo sobre os meios a empregar para o levantamento da classe pharmaceutica, desenvolvendo o seu largo plano, no que revelou muito trabalho.

O signatario pediu a palavra, e disse que tinha ficado com a palavra reservada na sessão em que os srs. Francisco de Jesus e professor Carvalho da Fonseca haviam falado sobre vinhos, e o ultimo tambem em experiencias physiologicas feitas com laudano de Sydenham; mas, que não tendo o sr. F. de Jesus concluido a sua exposição, faltando-lhe ainda a 2.ª parte, que sua ex.ª affirmou referir-se a vinhos quinados, e não estando presente o sr. Carvalho da Fonseca, pedia ao sr. Fran-

cisco de Jesus que concluisse a exposição do seu estudo, e que depois, quando estivessem os dois na mesma sessão, responderia a ambos.

O sr. Francisco de Jesus diz que não tem duvida em proseguir, e pede a palavra para esse fim.

O sr. Presidente dá a palavra ao sr. Francisco de Jesus.

Este socio começa por dizer que a pharmacopéa, na secção que trata de vinhos, se refere apenas, para o seu uso, á força alcoolica, não esclarecendo nem exigindo mais cousa alguma sobre outros pontos de vista oenologicos.

Demonstra sua ex.^a a importancia da quantidade de tannino do vinho, para a preparação do vinho quinado; descreve o processo de destannisar o vinho, por intermedio da gelatina em pó, dizendo ser o processo bastante delicado, e declara ser de parecer de que os vinhos de quina devem ser feitos com quina amarella, visto ser a que maior percentagem tem de quinina.

O sr. Francisco de Jesus diz que o pharmaceutico deve proceder á dosagem de tannino dos vinhos para usos medicinaes, e que a media de tannino para os vinhos do Porto deve ser de 0,3 a 0,4 grammas por litro.

Foi approvedo socio effectivo (por unanimidade) o sr. Antonio Maria Simões Ferreira.

Tiveram primeira leitura duas propostas para socios effectivos — propostos pelo signatario.

O sr. Presidente pergunta se alguem deseja a palavra para antes de encerrar a sessão.

Pedem a palavra varios socios para tratar do descanço semanal

Falam contra o encerramento das pharmacias os srs. Alberto Veiga, Jayme José da Costa, Cisneiros de Faria e Mattos Miranda, e a favor os srs. José Nunes, Francisco de Jesus e Campos Palermo.

O sr. Francisco de Carvalho declara que não foi á reunião de classe, para que o convidaram, por não ser pharmaceutico estabelecido, pois a sua posição o obrigava á mais absoluta imparcialidade.

O sr. Presidente diz que é de parecer que a Sociedade não deve intervir no assumpto, depois dos trabalhos que a classe tem encetado lá fóra para este fim.

Os srs. Francisco de Carvalho e Alberto Veiga concordam com a opinião do sr. Presidente, accrescentando o sr. Carvalho que era pequeno o numero de socios para resolver caso tão importante, que devia ficar para outra sessão.

O signatario, depois de uma serie de considerações, que se baseiam principalmente no sentido da attitude do sr. Presidente, allegando que houve duas grandes reuniões da classe, para que todos os pharmaceuticos foram convidados, promovidas pela Associação dos Pharmaceuticos Portuguezes, e a que tinham ido muitos socios da Sociedade, achando-se alguns presentes, e outros ainda mandado adhesões á commissão organisadora, e portanto, estarem os trabalhos organizados de fórma que toda a classe se podia manifestar, propoz que a Sociedade Pharmaceutica Lusitana não se envolva na questão do descanso semanal e deixe a continuação dos trabalhos d'este assumpto á Associação dos Pharmaceuticos Portuguezes, que n'elles já tomou parte activa.

Todos os socios applaudiram a proposta, e como se esperasse que a decisão da assembléa sobre este assumpto seria affirmativa, para se encerrar a sessão, os representantes dos jornaes retiraram-se.

Quando, porém, o sr. Presidente foi pôr a proposta á votação retiraram-se alguns socios; e como não houvesse numero para continuar a sessão o sr. Presidente desigou uma sessão especial, para tratar d'este assumpto, no dia 31 do corrente, pelas 8 horas da noite.

Encerrou-se a sessão ás 11 e tres quartos da noite.

O 2.º SECRETARIO

Armando de Campos Palermo.

PHARMACIA.

Processos facéis de esterilisação

Nas condições precarias em que a Pharmacia se encontra em Portugal, tanto sob o ponto de vista scientifico como pecuniario, devido a ser ainda pouco o tempo, em que a ultima lei do ensino pharmaceutico tem feito sentir os seus beneficios, e não haver ainda uma reforma do exercicio profissional, complemento d'aquella, tem-se conservado n'um estado de pouco desenvolvimento a parte da Pharmacia que trata das esterilisações, não obstante o estado da sciencia actual impôr aquellas operações ao pharmaceutico, e o futuro lhe garantir uma grande propagação.

Até ha pouco tempo, as esterilisações eram em Portugal, para a maioria dos que as deviam conhecer de perto, coisa mysteriosa, e só depois das principaes nações as terem utilisado ha muito, é que em Portugal se começou a tratar do assumpto, que é da maior importancia.

Ainda ha poucos mezes observámos o lamentavel caso de, no primeiro hospital do paiz, não saberem explicar a theoria do funcionamento do autoclave, e na pratica errarem o seu funcionamento.

O que existe publicado sobre esterilisações pharmaceuticas, não é muito, mas muito ha a fazer. Comtudo, quem estudar o assumpto e saiba a que elle visa, estudando um pouco de bacteriologia e tendo os vastos conhecimentos que hoje se exigem ao pharmaceutico

portuguez, poderá com vantagem triumphar de todos os que actualmente lidam com tal materia.

Muito poderíamos escrever a tal respeito; o nosso fim, porém, não visa (principalmente porque não temos competência para isso) a fazer exhibição de grandes conhecimentos, mas sim a mostrar, áquelles que distantes dos grandes centros, onde mais depressa irradiam os conhecimentos, ou que não possuindo o estudo ou os tratados onde estas questões se explanam proficientemente, os processos mais facéis de, sem grande material, fazerem as esterilisações que lhe possam ser exigidas com urgencia, e ainda os productos esterilizados que poderão conservar nas suas officinas, para quando fôr opportuno.

Posto isto, vâmos começar por dar uma ideia das coisas, que teem relação directa com o que nos propuzemos tratar.

Assepçia e antisepeçia

Diz-se que qualquer corpo está asseptico, quando está completamente isempto de microbios ou dos seus órgãos reproductores.

Um corpo n'estas circumstancias não poderá dar origem a qualquer sêr, quer animal quer vegetal, sem que seja contagiado pelo meio exterior.

Foi Pasteur quem demonstrou esta verdade e a collocou em bases seguras, com os seus memoraveis trabalhos, deitando por terra a theoria das gerações exponenteas.

Um ser vivo provém sempre d'outro ser vivo.

Como os microbios ou micro-organismos e os seus órgãos reproductores se acham profusamente espalhados na Natureza; e como são muitos d'estes microbios que produzem as doenças contagiosas, tão numerosas, que causam as fermentações diversas, e alteram em fim, com o tempo, todos os corpos organizados, e a

maioria das materias organicas, o seu estudo tornou-se imprescindivel para quasi todos os ramos da sciencia humana.

Como é ao pharmaceutico, que compete a manipulação e expedição das substancias, de que o medico precisa para tratar os doentes, e sendo as infecções doenças microbianas, tem o pharmaceutico de preparar os medicamentos precisos para taes doenças, devendo por isto ter conhecimento preciso d'esta especialidade.

Tem o pharmaceutico tambem de saber em que condições deve preparar, acondicionar e expedir não só as substancias, que são necessarias para combater as doenças contagiosas, como tambem as que tendem a evitar que se dêem.

Os corpos assepticos são exactamente aquelles que convem empregar, quando se trata de evitar que haja infecções, como acontece nas operações chirurgicas, no tratamento de certas feridas, e ainda em todos os casos em que se reconheça que a acção do contacto pode dar origem a uma infecção.

O corpo asseptico tem, portanto, o fim de evitar o contagio microbiano.

A asepsia tem por fim pôr os corpos isemptos de germens.

Corpo septico é o que tem microbios ou os seus orgãos reproductores, isto é, germens capazes de se reproduzir e de irem infectar outros corpos.

(*Continúa*)

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

Pomada d'acido borico, por Max Nyman (1)

Na maior parte das pharmacopeas, a pomada d'acido borico contem 10 por 100 d'acido borico. O exci

(1) Farmaceutiskt Notisblad (orgão da Sociedade dos Pharmaceuticos Finlandezes).

piente é a banha benzoinada (Dinamarca), a vaselina ou o unguento de parafina (Inglaterra, Allemanha, Estados Unidos, França, Hollanda, Noruega, Suissa, etc.; ou ainda uma mistura de vaselina e gordura de lã (Suecia). Na Finlândia fornece-se habitualmente nas pharmacias uma pomada conhecida por «unguento borico de Lister», ainda que a sua composição não corresponda á da prescripção original ingleza, na qual a proporção do acido borico attingia 25:100, sendo o excipiente formado de cera branca, oleo de amendoas e parafina.

A pomada borica é empregada para proteger a epiderme, e attribuem-se-lhe fracas propriedades antisepticas. Admitte-se que o acido borico impede o desenvolvimento dos micro-organismos, e que a pomada é e fica estéril. O acido borico possui, com effeito, algumas propriedades antisepticas. Koch observou, experimentando sobre bactérias carbonosas desprovidas de spóros, que o acido borico demora o seu desenvolvimento já na dóse de 1:1250, e que impede na dóse de 1:800. Mas os spóros carbonosos tratados durante seis dias por um soluto a 5 p. 100, apesar de enfraquecidos, não são destruidos.

Sabe-se, alem d'isto, que o acido borico é um acido muito fraco, e que tem a propriedade de formar com os compostos organicos e muitos hydroxis, taes como a saccharose, mannita, glicerina, etc., acidos complexos de reacção acida bem mais pronunciada. Oswald supõe que, nestes novos acidos, os atomos de hydrogenio são provavelmente substituidos pelo boryle, BO , radical monovalente.

Como quer que seja, estas combinações complexas são consideradas tambem como antisepticas, e Kahlenberg e True estabeleceram que exercem uma acção bem mais nociva que os acidos simples sobre as funções vitais dos germens das plantas superiores. Mas

não se póde admittir que, mesmo na preparação da pomada finlandeza, a qual se aquece a 80.^o, haja saponificação pelo acido borico, com uma certa quantidade de materia gorda, pondo em liberdade a glycerina e formação d'um acido complexo. Nada de semelhante, póde produzir-se, em todo o caso, com as pomadas cujo excipiente é a vaselina ou parafina.

Emfim, R. Koch demonstrou que os agentes de desinfecção não actuam sobre as cellulas bacterianas senão em soluto aquoso, porque é sómente n'estas condições que o veneno protoplasmico póde penetrar nas cellulas. Os productos antisepticos, dissolvidos n'um corpo gordo, perderiam, pois, as suas propriedades.

Todos estes factos e considerações, contrarios á opinião que se tem formado das propriedades da pomada borica, tão empregada, levaram Max Nyman a fazer pesquisas methodicas para se certificar se, realmente, a dita pomada era aseptica e antiseptica. O seu processo experimental consistia em introduzir, tomando as necessarias precauções, pequenas quantidades de pomada no meio de cultura em placas (gelatina e gelose) ou em caldos.

Fez os seguintes ensaios: 1.^o em pomadas de excipientes varios, e cuja percentagem em acido borico era muito diversa; 2.^o sobre pomadas antigas e recentemente preparadas.

Todas as pomadas, contendo pelo menos, 10 p. 100 d'acido borico mostraram-se asepticas; não deram logar a cultura alguma. As que continham menos acido borico, pelo contrario, deram origem ao desenvolvimento d'organismos, tanto na cultura em placas como em caldos.

A pomada borica de Lister, addicionada de 1:100 d'albumina, examinada depois de quatro mezes, conservava-se estéril, emquanto que a mesma mistura sem

acido borico se apresentou infectada, o que prova que o acido borico opéra como desinfectante.

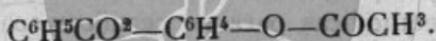
Como conclusão do conjunto dos seus trabalhos, Max Nyman crê poder afirmar que as pomadas com uma percentagem minima de 10:100 de acido borico são estéreis.

G. N.

MEDICAMENTOS NOVOS

Vesipyrina: examinada pelo Dr. F. Zernik. (1)

A vesipyrina é o ether acetico do salol: tem por formula



Este producto tem sido preconisado recentemente, como anti-rheumatismal e desinfectante da urina; não tem nenhum dos inconvenientes do acido salicylico e do phenol: a sua dóse média é de 1 gr. por dia.

O producto examinado pelo dr. Zernik é um pó branco crystallino, sem cheiro nem sabor sensiveis, fundindo a 97°; insoluel na agua, soluvel nos outros dissolventes. Para identificar a vesipyrina o dr. Zernik indica saponifical-a por uma lexivia alcalina; saturando-a pelo acido chlorhydrico produz precipitado de acido salicylico e apparece o cheiro do phenol. A vesipyrina não deve conter acido salicylico nem phenol livre, e não deve ceder coisa alguma á agua mesmo depois da ebulição.

G. N.

(1) Apotheker Zeitung.

FORMULARIO

sal de Carlsbad (1)

Segundo uma analyse do dr. Ek-kert, o sal de Carlsbad natural em pó, apresenta a seguinte composição:

Sulphato de potassio	3,41	%
Carbonato de lithina	0,19	»
Bi-carbonato de sodio	34,04	»
Carbonato de sodio	1,77	»
Sulphato de sodio	42,10	»
Chloreto de sodio	18,14	»
Tri-borato de sodio	0,01	»
Oxido de ferro	0,002	»
Acido silicico	0,002	»
Iodeto de sodio	0,00046	»
Agua	0,32	»
Ca e Mg	vestigios	

O Codex allemão dá, para o sal de Carlsbad artificial, uma formula que se approxima nas suas linhas geraes da composição acima referida:

Sulfato de potassio	2
Bi-carbonato de sodio	36
Sulfato de sodio secco	44
Chloreto de sodio	18

A Pharmacopeia belga ed. III dá a mesma formula que a Pharmacopeia allemã, mas accrescenta que «6 grammas d'este pó, dissolvido num litro d'agua, produz uma agua mineral analoga á de Carlsbad».

(1) Journal de Pharmacie d'Anvers.

Sabão dentifricio

O sabão seguinte, é excellente como dentifricio.

Thymol.....	0,05 centigr.
Extracto de ratania.....	1 gr.
Glycerina.....	10 »
Magnesia calcinada.....	0,50 centigr.
Borato de sodio.....	4 gr.
Essencia de hortelã.....	XX gottas.
Sabão medicinal.....	30 gr.

Applica-se com uma escova.

(*La Presse Médicale*).

Pó contra a hyperhydrose dos pés:

Per-borato de sodio.....	15 grammas
Oxido de zinco.....	10 »
Talco.....	75 »

Praticam-se pediluvio quotidianos com soluto de perborato de sodio a 2:100, e polvilham-se os pés com este pó.

G. N.

VARIEDADES

**O concurso para chefe dos serviços
pharmaceutics da Santa Casa da Misericordia**

(Continuo de pag. 160)

Como eu dizia que Ferreira da Silva e outros chemicos de nomeada, davam grande importancia á reacção da chlorhydrina, e por isso eu a queria fazer, o sr. Fragoso quiz ver se nos livros dos auctores que eu citava encontrava materia contraria, e julgou tel-a achado, porque no livro de analyse chimica de Ferreira da Silva ou n'outro qualquer, se dizia que o empreg do

So^4H^3 e $\text{Cr}^2\text{O}^7\text{K}$ permittia distinguir os chloretos dos brometos e iodetos.

Pois o sr. Fragoso não sabe que o sulfato de sodio póde conter aquelles corpos, com grande facilidade, devido ao processo de preparação?

No meu relatorio descrevi um processo de preparação do sulfato de sodio, em que quasi sempre o sulfato de sodio contem aquelles corpos, justificando com a descripção do processo o motivo porque tinha investigado os ditos corpos.

E julga o sr. Fragoso, de pouca importancia, n'uma analyse de sulfato de sodio, ir verificar se ha Iodetos, Brometos ou Chloretos, ou se ha os tres?

Não sei que juizo formará d'isto, e portanto deixo á sua mentalidade a resposta.

Disse tambem o sr. Fragoso, ter eu perdido um tempo precioso doseando a agua de crystallisação do sulfato de sodio, (trabalho que só eu fiz) pois não tem importancia.

Leia o Dupuy, na secção que trata das principaes alterações que os corpos experimentam, devido a variadas circumstancias, e ahi encontrará — por acaso — como primeiro corpo, apontado, o sulfato de sodio. Dupuy é tambem um mestre, e eu não tenho a pretensão de ter inventado nada do que fiz nem do que aqui tenho escripto; é tudo o que os mestres e a experiencia me têm revelado.

Foram estes os pontos de referencia do sr. Fragoso, aos quaes eu acabo de responder; e cada qual que formule as considerações que entender. E o sr. Fragoso não queira mais fazer parte de jurys, quando estiver doente, porque as faculdades intellectuaes recentem-se muito com o mau estar physico.

Ha muito quem attribua a perda da campanha da Russia, por Napoleão I, a uma constipação, que o impediu de traçar os seus planos com a sua habitual pericia.

E adeus, até outro concurso de que o digno collega faça parte, porque não quero tirar-lhe o prazer de lá me ver.

E o Brandão que tenha paciencia.

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

ROBERTO DUARTE SILVA

(Continuado de pag. 120)

N.º 9

Noticias sobre os obsequios funebres
em honra de **ROBERTO DUARTE SILVA**

N.º 1

O enterro d'este nosso sabio compatriota verificou-se em Paris no dia 11, sendo os officios funebres resados na egreja de Saint-Severin, ao meio dia. Presidiu ao sahimento o sr. FRIEDEL, membro do Instituto de França e intimo amigo do finado, e acompanharam-n'o as primeiras summidades das escolas de Paris. A Escola Polytechnica de Lisboa fez-se representar na triste cerimonia.

Os convites da parte de sua familia e de seus amigos enumeravam os seguintes titulos do eminente e deplorado conterraneo, que se fez francez para melhor servir a sciencia e o seu paiz: **ROBERTO DUARTE SILVA**, professor de chimica analytica na Escola central de artes e manufacturas, antigo professor de chimica na Escola municipal de physica e chimica da cidade de Paris, antigo presidente da Sociedade chimica de Paris, membro da Academia das sciencias de Lisboa, etc.; cavalleiro da Legião de Honra, commendador da Ordem de S. Thiago de Portugal, etc., fallecido em 9 de feve-

reiro de 1889, em uma casa na rua Thenard, 6, na idade de 51 annos.

O enterro foi no cemiterio do Mont Parnasse.

(*Diario de Noticias*, de 15 de fevereiro de 1889, sob o titulo ROBERTO DUARTE SILVA).

2

Publicamos em seguida a traducção do eloquente e sentidissimo discurso, pronunciado pelo celebre chimico francez, o sr. CH. FRIEDEL, junto do tumulo do nosso mallogrado compatriota, e em presença das maiores summidades do professorado e da sciencia franceza. A posteridade, que principiou para aquelle portuguez illustre, «que deixou á França um grande exemplo e profundissimas saudades», faz-lhe desde já a justiça, a que tinham jus o seu grande merito e o seu purissimo character. E' mister, porém, que se não regatêem agora ao portuguez benemerito, que tanto está honrando, ainda — *post mortem* —, o paiz em que nasceu, as homenagens a que tem jus.

Que Portugal lhe erija o tumulo, onde repousa, já que não soube ou não pode aquilatal-o sufficientemente em vida.

E' uma divida a que urge immediato pagamento, e confiamos do alto patriotismo e illustração do sr. Barros Gomes, que o fará, como é dever nosso e na conformidade do sentimento publico, que o applaude e o requer.

(*Segue o discurso de FRIEDEL, que é o doc n.º 8*).

(*Diario de Noticias*, de 21 de fevereiro de 1889, sob o titulo — *Um portuguez benemerito*, ROBERTO DUARTE SILVA).

N.º 10

Homenagem prestada pela Camara Municipal do concelho da Ribeira Grande, da Ilha de Santo Antão, á memoria de ROBERTO DUARTE SILVA.

A Camara municipal do concelho de Santo Antão acaba de honrar-se, reunindo em sessão extraordinaria apenas ali constou o passamento do seu conterraneo o sr. ROBERTO DUARPE SILVA, fallecido em Paris, onde honrou sempre a nação e engrandeceu o seu nome, que era respeitado e considerado por todos os que estudam e trabalham.

Orgulhando-nos de ver como a Camara municipal se ennobrecceu, publicamos em seguida a acta d'aquella sessão. Corre-nos o dever de registrar aqui a ultima homenagem prestada pela ilha de Santo Antão ao seu filho dilecto e benemerito.

Acta

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1889, aos 16 dias de fevereiro, n'esta villa D. Maria Pia, da ilha de Santo Antão e sala das sessões da Camara municipal, presentes os srs. Joaquim Ignacio Ferreira Nobre, presidente; Antão Victorino Ferreira, Antonio José de Lima, João Zacharias de Mello e Aurelio Antonio Martins, bem como o sr. administrador do concelho Francisco Tavares d'Almeida comigo Diocleciano Nobre, escrivão da administração do concelho, no impedimento do respectivo.

Aberta a sessão pelo sr. presidente, foi dito que acabava de ter a noticia do fallecimento de ROBERTO DUARTE SILVA, facto que teve logar em Paris no dia 9 do corrente; que o illustre morto era natural d'esta ilha um dos seus filhos mais dilectos, e um d'aquelles que mais a tinham ennobrecido, pela eminencia da sua posição social e pelo seu altissimo valor scientifico; que

elle presidente não pretendia fazer o elogio funebre de um cidadão tão notavel, mas não podia deixar de referir alguns factos da sua vida gloriosa para justificar assim o seu proposito; que ninguem visse nas suas palavras outro sentido que não fosse o de fazer justiça, e que nem podia haver vaidade nem lisonja perante a fria pedra tumular; que nunca era demais o preito e a homenagem á memoria dos homens illustres, e aquelle de que está tratando tinha todos os predicados para se impôr ao respeito e á veneração publica; que as portas de um tumulo eram sempre as portas da historia, e que esta havia de ser justa nas apreciações d'aquelle que já era um vulto seu.

Elle presidente ia dizer o que era do conhecimento de todos, mas não queria que se suppozesse que ficando callado se esquecia em momento tão solemne d'um compatriota tão distincto; que foi á custa do trabalho nobre e honrado, servindo o seu paiz com elevada intelligencia, que DUARTE SILVA poudo alcançar os meios de fortuna, indispensaveis para completar a sua educação scientifica; e foi em Paris, onde tudo é grande e nobre, que elle desvendou os segredos e os mysterios da sciencia, applicando-se principalmente ao estudo da chimica em que chegou a ser um sabio admirado e respeitado por todos os homens notaveis nacionaes e estrangeiros, em cujo numero, e como um dos mais fanaticos admiradores, se encontrava uma das mais elevadas capacidades do nosso paiz o grande estadista, o eminente parlamentar, o distincto professor Antonio Augusto de Aguiar, cuja perda ha de ser sempre geralmente sentida. N'estas condições, elle presidente, parecendo-lhe interpretar bem o sentimento da camara, era de opinião que esta sessão, a primeira depois da noticia de que dá conhecimento, fosse inteiramente consagrada á memoria do glorioso patricio, como preito e homenagem á sua honestidade e ao seu saber; que

para honrar o seu nome lhe bastava a immortalidade da historia, cujas portas se lhe acabavam de abrir, mas elle presidente entendia que era preciso mostrar ao mundo civilisado que os povos d'esta ilha sabem venerar a memoria dos filhos que ennobreceram a sua patria, e assim propunha:

1.º Que se lançasse na acta um voto profundo sentimento pela irreparavel perda d'um compatriota tão distincto.

2.º Que se promovesse por todos os meios adequados uma subscrição publica para erigir um monumento em honra do seu nome, ou para obter a trasladação do seu cadaver, encerrando-o em tumulo condigno, satisfazendo assim um dos seus ultimos desejos.

3.º Que se levantasse a sessão em signal de luto e em homenagem ao illustre finado.

4.º Finalmente que da acta d'esta sessão se tirassem duas copias, uma para ser enviada ao seu unico irmão, Antonio Duarte Silva, e outra para ser publicada no Boletim Official da provincia, impetrando-se para isso a previa auctorisação.

A camara, compenetrada do elevado sentimento que dictava as palavras do seu presidente, approvou por aclamação as suas propostas, reservando-se para opportunamente resolver ácerca do movimento destinado a perpetuar a memoria d'um compatriota que tanto honrou a sua patria; e levantou a sessão.

(a) *Joaquim Ignacio Ferreira Nobre, Antão Victorino Ferreira, Antonio José de Lima, João Zacharias de Mello e Aurelio Martins*, — O escrivão, *Diocleciano Nobre*.

(Continúa).

JORNAL DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

Proprietaria — Sociedade Pharmaceutica Lusitana

Director — *Francisco de Carvalho*

Redacção e Administração — Rua Sociedade Pharmaceutica

NO

Edificio da mesma Sociedade

Composto e impresso na Papelaria e Typ. Estevão Nunes & Filhos

Rua do Ouro, 58 — Lisboa

PHARMACIA

Processos faceis de esterilisação*(Continuado de pag. 169)***Esterilisação**

A esterilisação é a operação que tem por fim destruir os germens que os corpos podem conter, quer em plena actividade, quer no estado lactente.

Esta operação póde fazer-se por diversos modos.

**Processos physicos, processos chimicos
e processos physico-chimicos**

D'estes processos de esterilisação os mais empregados são os processos physicos.

Porque são estes os processos mais empregados?

E' o que vamos dizer:

Para esterilisar por processos chimicos empregam-se os antisepticos, corpos que actuam pela sua acção chimica, e, portanto pelas modificações de constituição que fazem experimentar aos corpos que com elles estão em contacto, decompondo-se elles proprios.

Por este principio se vê tambem que a quantidade de antiseptico deve ser proporcional á quantidade de substancia septica e ainda ao grau septico d'esta.

E' difficil determinar a quantidade de antiseptico precisa para aniquilar os germens, pelo que se emprega sempre em excesso, para haver a certeza da sua acção, o que, na maioria dos casos, faz com que corpos que nós queriamos simplesmente assepticos, se tornem antisepticos, á custa do excesso de antiseptico empregado e de que o corpo fica inquinado.

Para se obter um corpo asseptico, por acção chimica, geralmente é necessario tirar-lhe depois o excesso de antiseptico por meio de dissolventes ou outros processos, o que torna pouco pratica a operação.

A acção do antiseptico, ou o processo chimico de esterilisação tem dois inconvenientes principaes:

O de, devido á sua acção chimica, ir atrofiar as defezas do (1) organismo para com a invasão microbiana, inutilizando ou diminuindo a vitalidade dos leucocytos ou globulos brancos do sangue, elementos que travam guerra sem treguas aos corpos extranhos que invadem o organismo.

A estes elementos lhes chamam tambem phagocytos e á sua acção, phagocytaria.

E' preciso têr-se bem em conta que isto tem grandes inconvenientes quando os microbios e seus esporos (orgãos reproductores) têm grande resistencia e é necessario o emprego de repetidas applicações do antiseptico.

Em muitos casos o antiseptico destrõe rapidamente os microbios, produzindo uma acção benefica sem que se reconheça damno.

Grande numero de antisepticos, produzem intoxicações por absorpção havendo varios casos de morte.

O acido borico, que é um antiseptico fraco, tem pro-

(1) Quando se trata da acção dos antisepticos no organismo animal.

duzido intoxicações, quando applicado em pó sobre as feridas.

São estas razões de bastante valor para demonstrar a inconveniencia das esterilisações por processos chimicos, em grande numero de casos.

Outro inconveniente de importancia, é o caso de muitas vezes o antiseptico (principalmente quando é solido) formar combinações insolueis com as substancias que lhe estão em contacto, formando uma camada protectora que impede que nova quantidade de antiseptico, não alterado, vá exercer a sua acção sobre os microbios que estão encobertos com ella, e formaram combinações que não têm poder antiseptico.

E' este caso frequente com o iodoformio, aristol, sublimado corrosivo e outros antisepticos quando applicados sobre feridas, mais ou menos profundas.

Ha neste caso a ponderar que os antisepticos perdem mais ou menos o seu poder antiseptico em presença das materias organicas, segundo a qualidade e quantidade d'estas, chegando mesmo a anular-se por completo a sua acção. Antisepticos ha, que têm acção sobre certos microbios, ao passo que outros são inofensivos e até bons meios de vida.

Foram estas as principaes razões porque os processos physicos de esterilisação tomaram nos ultimos tempos tão grande incremento, fazendo diminuir sensivelmente o emprego dos antisepticos.

Não obstante o reconhecimento de todos estes factos, os antisepticos são ainda hoje indispensaveis em grande numero de casos.

Uma ferida que esteja invadida por microbios, não obstante toda a limpeza, ou assepcia que se lhe faça, precisa no entanto que se lhe destruam os microbios, visto que a assepcia os não destroe, mas apenas evita que os de fóra a ataquem.

Neste caso precisa-se d'ambos os meios, asseptico e antiseptico.

Antiseptico é, pois, a substancia que por acção chimica destroe os microbios.

Microbios são pequenissimos sêres vivos, que podem pertencer ao reino vegetal ou animal (muitos, ainda hoje, não estão classificados em nenhuma ordem biologica) que se alimentam e reproduzem por differentes maneiras e só visiveis com o auxilio do microscopio.

E' pelo seu systema de vida que os microbios produzem os phenomenos de alteração e decomposição.

— Os processos physicos de esterilisação têm a vantagem de pôr os corpos em condições assepticas, sem que as suas propriedades constituintes sejam alteradas.

Os processos physico-chimicos são os menos empregados, porque são mais limitados e menos acessiveis á maioria dos casos.

Processos physicos de esterilisação

Os principaes processos physicos de esterilisação são os seguintes:

Pelo calor secco, pelo calor humido e por filtração.

Pelo calor secco, podemos esterilisar applicando-o de modos diversos.

Temos o processo da *flamage* que consiste em passar o corpo que se pretende esterilisar a uma chamma pouco fuliginosa, como a que se pode obter com o bico de Bunsen, alcool, etc.

Este processo é rapido e vulgarmente empregado para a esterilisação de estiletos, abaixa-linguas, lances e outros instrumentos chirurgicos, tendo ainda outras applicações. Tem todavia, muitos inconvenientes. Grande numero de corpos não pôdem ser esterilizados por este processo, porque se alterariam rapidamente e outros destruir-se-iam tornando-se inaptos para servir.

Os instrumentos metallicos tambem são atacados mais ou menos, segundo a permanencia que têm em contacto com a chamma e o numero de vezes que a operação lhes é feita. O gume dos bisturis e instrumentos cortantes, soffre consideravelmente com a enorme e brusca mudança de temperatura, o que representa um grave inconveniente.

Tem tambem este processo o inconveniente de fazer uma esterilisação pouco uniforme, visto que a chamma não incide o mesmo tempo sobre todos os pontos do corpo.

Os instrumentos que têm ranburas, parafusos mais ou menos apertados, etc., com difficuldade pôde a chamma ir exercer a sua acção esterilizadora ás partes reconditas dos mesmos.

E', portanto, a *flambage* um processo de esterilisação que só se deve empregar em casos especiaes, e que não requeiram grande rigor d'asepçia.

Tambem, para um restricto numero de casos, se pode empregar o processo de mergulhar o corpo n'um liquido inflamavel, como por exemplo o alcool, e lançar-lhe depois fogo. Este processo ás vezes empregado com vantagem para esterilisar rapidamente tubos d'ensaio, copos de Bohemia e outros corpos sobre que o vehiculo inflamavel não tenha acção nem a chamma produzida.

Empregando o alcool — que é o mais vulgarmente usado — obtemos uma dupla acção esterilisante, o alcool em si e depois o calor.

Para esterilisar pelo calor secco podemos utilizar estufas, algumas muito simples. Uma simples estufa de folha de cobre de forma rectangular pôde prestar muito bons serviços. Dentro da estufa podem collocar-se uma ou mais prateleiras, afim de sobre elles serem collocadas as substancias a esterilisar.

Qualquer caixa metalica, de paredes delgadas, tendo uma porta lateral e na parte superior dois buracos,

para num entrar um thermometro fixado numa rolha perfurada; e outro onde póde entrar um tubo de vidro estirado n'uma das extremidades e que será tambem adaptado n'uma rolha perfurada.

Estas estufas funcionam rapidamente, mas não mantem uma temperatura certa, o que obriga a continua vigilancia.

São geralmente utilizadas para a esterilisação de objectos de vidro; taes como funis, graes, frascos, em-polas, etc.

Como estes objectos se pódem quebrar, sendo sujeitos a temperaturas muito elevadas, costuma-se envolv-os em algodão, que, aproximadamente á temperatura de 180°, toma côr de café com leite.

Pode tambem utilizar-se o acido tartrico, collocado em vidros de relógio ou em pequenas capsulas, que á temperatura de 170° a 180° funde e forma uma massa esponjosa.

Estes processos de verificação da temperatura do ar quente são tambem empregados no forno de Pasteur e sempre que não possuimos thermometro para aquellas temperaturas elevadas.

(Continúa).

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

Preparação do succo de groselhas (1)
por M. Gaudin

Todos os nossos collegas conhecem os desgostos causados pelo defeito de conservação do xarope de groselhas; este xarope, ainda que conservado ao abrigo da luz, enche-se muitas vezes de crystaes, a tal ponto que chega a não haver liquido algum nas vasilhas, e, quando por acaso o phenomeno se não dê, por estar a

(1) L'Anjou pharmaceutique.

vasilha ainda repleta, não tarda a manifestar-se desde que começa servindo.

Ha vantagem em preparar este xarope em pequenas quantidades, fazendo dissolver a banho d'agua a proporção d'assucar necessario para o succo bem preparado.

A preparação do succo de groselhas não offerece difficuldade alguma, mas não se dá o mesmo com a sua conservação: o *mutismo* pelo acido sulfuroso não é muito seguro e altera o aroma tão delicioso da groselha; o processo da addição d'oleo na superficie póde dar um gosto a ranço; enfim o processo de Appert enegrece o succo e tira o aroma para o substituir pelo gosto de cosido.

O processo mais racional, o mais conforme aos conhecimentos actuaes, e tambem o mais commodo, consiste apenas n'uma cuidadosa pasteurisação.

Todos sabem que a empregam muito na industria dos vinhos.

O aquecimento a 60 graus, como mostrou Pasteur, basta para entorpecer a levedura e matar os microbios, de fórma que o vinho cessa de viver, não envelhece, mas não está exposto ás doenças.

A's noções apresentadas e postas em pratica por Pasteur, juntam-se os novos conhecimentos trazidos á luz pelos trabalhos de Bourquelot: falla-se das oxidases, cujo papel é tão importante na conservação das substancias organicas, pelas mudanças de côr e formação de depositos que ellas produzem com o tempo; ora, estas oxidases são destruidas pelo calôr.

Eis a technica seguida pelo auctor, e que lhe permite, mesmo depois de muitos annos, ter á sua disposição xarope de groselhas com todas as qualidades de xarope fresco.

Depois de ter tirado os engaços das groselhas, esmagam-se estas com a quantidade desejada de framboesas

e cerejas pretas; faz-se fermentar a polpa n'um vaso coberto, afim de impedir o accesso das pequenas moscas do vinagre; expreme-se no fim de quarenta e oito horas; o succo, collocado n'um vaso de fermentação, coberto e munido d'um thermometro, é aquecido a 70° a banho d'agua, depois abandonado ao resfriamento; no dia seguinte filtra-se o liquido, que passa muito claro e com uma grande rapidez (não succede o mesmo com o succo não aquecido, cuja filtração é das mais demoradas).

Não falta mais do que engarrafar em vasilhas de meio litro ou em garrafinhas mais pequenas, que se rolham com algodão, durante um novo aquecimento a 70°, pelo espaço de dez minutos, a banho-maria.

As garrafas, quentes, são tiradas uma a uma para a rolhagem definitiva, que consiste em substituir o algodão por uma rolha esterilisada cortada junto ao collo e lacradas sem nunca *inclinár a garrafa*.

Produz-se, com effeito, pelo resfriamento, um vacuo que leva á superficie do liquido por distillação, um pouco d'alcool, que favorece a conservação; oppondo-se ao desenvolvimento dos bolôres, de que ficam sempre os sporos na rolha

Bismuthum tannicum (1)

Aquecendo hydrato de bismutho com um soluto de tannino, obtem-se o sub-tannato ou mono-tannato de bismutho. Forma-se o mesmo producto quando se tenha feito ferver nitrato de bismutho com uma quantidade equimolecular triple de tannato de sodio.

Todavia, se nesta reacção se evitar o calor, obtêm-se combinações mais ricas em tannino, cuja composição se approxima da do di-tannato de bismutho.

(1) L'Union pharmaceutique.

Lança-se um soluto de 322 grammas de nitrato bis-muthico em 52 grammas d'acido nitrico a 43,3 por 100 e de 300 grammas d'agua, n'um soluto de 854 grammas de tannino e de 340 de sodio em 4 litros d'agua, agitando vivamente.

Agita-se ainda durante 5 a 6 horas á temperatura ordinaria, decantando depois.

Tira-se o excesso de tannino, e o nitrato de sodio formado, agitando a massa duas ou tres vezes com agua. Filtra-se, lava-se cuidadosamente com agua e secca-se a 40°.

O producto assim obtido é um pó leve, amarello-claro, de sabôr levemente acido. A sua acção therapeutica parece ser superior á do mono-tannato, pois que a percentagem em tannino é mais elevada, e abandona facilmente metade do seu tannino.

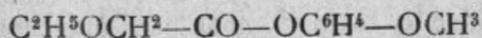
G. N.

MEDICAMENTOS NOVOS

**Monotal, novo derivado do guaiacol.
por M. Impens. (1)**

O monotal ou o ether do acido éthyglycolico e do guaiacol é um liquido oleoso, incolor, fervendo a 170.° sob a pressão de 25^{mm}; o seu cheiro é levemente aromatico. Em certas condições, o producto torna-se solido e forma crystaes brancos, fusiveis a 30.° O monotal é pouco soluvel na agua (0,32 : 100); dissolve-se mais facilmente nos oleos, sobretudo no azeite (29,6 : 100 a 19°).

A sua formula é a seguinte :



E' facilmente absorvido pela pelle e menos caustico que o guaiacol; possui todas as propriedades analge-

(1) Ther. Monasths.

sicas d'este producto, sem os inconvenientes inherentes ao emprego do guaiaicol.

Blenal (1)

E' o ether carbonico do santalol. Prepara-se na fabrica Heyden, em Rabedeut, tratando o santalol pelo acido chloroxycarbonico e os alcalis, ou com os etheres carbonicos. Formula $(C^{15}H^{23}O)^2CO$.

O blenal é um liquido oleoso, insipido, amarellado, quasi inodoro, que se dissolve no alcool e ether; é insolavel na agua. A sua percentagem em santalol é de 94 0/0.

Emprega-se como succedaneo da essencia de sandalo. Devido á sua decomposição lenta, sob a acção alcalina do intestino, a proporção de santalol é sempre mais fraca, não produzindo portanto irritação, o que não succede com a essencia de sandalo ou o santalol puro.

O blenal é administrado na dóse de 15 gottas, tres vezes ao dia, ou em capsulas de 0,^{gr}3 — duas de cada vez.

G. N.

FORMULARIO

Moskido Puder (2)

(Pós contra mosquitos)

Essencia d'encalyptus.....	30
Talco.....	60
Amido.....	420

Pulvilha-se o rosto e mãos para afugentar os insectos.

G. N.

(1) L'Union pharmaceutique.

(2) Bulletin de Pharmacie de Liège.

VARIÉDADES

Escola de pharmacia do Porto

Esta escola, em cumprimento de uma boa disposição regulamentar das escolas de Pharmacia, inicia sempre os seus trabalhos escolares por uma sessão solemne em que um dos seus lentes profere a «oração de sapientia», e o secretario da escola dá conhecimento dos alumnos que foram premiados no anno lectivo antecedente.

E' um estímulo para todos, lentes e alumnos, e uma maneira de elevar, e portanto, acreditar as escolas, credito que vae reflectir-se sobre a nossa classe, por isso honra seja feita á Escola do Porto.

Este anno a oração inaugural foi proferida pelo nosso amigo, sr. Antonio Carvalho da Fonseca, companheiro de longa data, nas lides associativas da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, á qual tem prestado muito bons serviços.

Transcrevemos d'*O Commercio do Porto* o que nelle se publicou sobre a dita sessão.

Escola Superior de Pharmacia

Realisou-se hontem, com muito luzimento, a abertura solemne dos cursos da Escola Superior de Pharmacia para o anno lectivo de 1907-1908.

Assumiu a presidencia o sr. dr. Moraes Caldas, sendo secretario o sr. dr. Thiago de Almeida. Nas respectivas bancadas estavam os srs. drs. Dias de Almeida, Carlos Lima e Lopes Martins, professores da Escola Medico-Cirurgico; e conselheiro dr. Ferreira da Silva, dr. Eduardo Pimenta, Nuno Salgueiro e Carvalho da Fonseca, professores da Escola de Pharmacia do Porto.

Entre a assistencia viam-se os srs. tenente Marques

Nogueira, representando o sr. general-commandante da 3.^a divisão militar; tenente João Luiz Lobo da Costa, que representava o coronel-commandante da guarda municipal; José Saraiva, da Associação Commercial do Porto; Annibal Cunha, da Sociedade Chimico-Pharmaceutica; varios officiaes do exercito, alumnos das Escolas Medico-Cirurgica e de Pharmacia, alguns medicos e pharmaceuticos, representantes do Centro Pharmaceutico Portuguez e de outras agremiações, algumas senhoras, etc.

O sr. dr. Dias de Almeida representava tambem a direcção administrativa do Hospital Geral de Santo Antonio.

A sessão foi aberta á uma hora da tarde.

Pronunciou a oração inaugural, como já annunciámos, o professor sr. Carvalho da Fonseca, que para isso fôra expressamente convidado pelo conselho escolar.

O illustre professor versou o thema—*necessidade da ampliação do estudo da chimica pharmaceutica e da criação da cadeira de chimica biologica* na Escola de Pharmacia.

Começou fazendo uma rapida resenha da historia da chimica e da pharmacia na peninsula, desde a idade média até hoje, indicando as razões de atrazo d'estes ramos dos conhecimentos humanos entre nós, reduzindo em particular o papel dos pharmaceuticos durante um largo periodo a uns simples herbanarios.

Com os primeiros arreboes da cultura chimica começa tambem a elevação dos estudos de pharmacia. Em 1801 abrija-se na casa da moeda um curso de chimica, regido por Mousinho de Albuquerque, curso que não durou muito tempo. Em 1823 reabriu-se de novo, e os discipulos de Mousinho continúam o movimento iniciado pelo mestre, e, em 24 de julho de 1835, fundam a Sociedade Pharmaceutica Lusitana, de tradições

tão gloriosas no nosso modesto meio scientifico. Pelos esforços d'esta benemerita sociedade, publicou Passos Manoel, em 1836, um diploma que organisou pela primeira vez, entre nós, um curso pharmaceutico regular, que tinha por base a chimica e a botanica.

Era uma modesta organização; mas muito valia já para a época em que foi feita. Infelizmente, deixou de produzir os seus efeitos, por causa de uma série de medidas e concessões de interesse particularista que deram em resultado validar os cursos irregulares.

O *ultimatum* inglez em 1891 agitou fortemente a nossa nacionalidade, e pensou-se um pouco no atrazo da nossa industria, inclusivè a agricola, e algumas medidas salutaes foram adoptadas para o fomento industrial; mas, por falta de escolas que podéssem habilitar profissionaes com a instrucção condigna, a industria chimica nada ou quasi nada aproveitou.

A reforma dos estudos de pharmacia de 1901, devida ao fallecido estadista Hintze Ribeiro, abre uma nova éra nos progressos da pharmacia portugueza.

Em uma remodelação, diz o orador, que representa indiscutivelmente um melhoramento ha tanto tempo ambicionado e solicitado, marca-se a transição de uma instrucção desconnexa, sem base em que sólidamente assentasse, para um periodo puramente scientifico, que, se ainda não acompanha totalmente os progressos da escola estrangeira, todavia serviu para o inicio de novos aperfeiçoamentos.

A proposito d'essa reforma, o orador rende uma sentida e elevada homenagem á memoria de Hintze Ribeiro. O seu nome está indelevelmente inscripto em fulgentes letras de ouro nos nossos fastos: o estadista Hintze Ribeiro pertence á historia da nossa classe.

Entrando propriamente no thema da sua oração, mostrou o illustre professor a necessidade inadiavel de introduzir melhoramentos nas nossas escolas, que são

as instituições de ensino superior mais modernas em Portugal; e entre esses melhoramentos resalta, sem duvida, a ampliação do estudo da chimica pharmaceutica e a creação da cadeira de chimica biologica.

Na chimica actual agitam-se os grandes problemas que fazem objecto da physico-chimica, e abriu-se recentemente esse capitulo interessantissimo da radioactividade. O orador espraia-se largamente e com grande proficiencia sobre este assumpto. Mostra depois a variedade extraordinaria de agentes chimicos naturaes e syntheticos que invadem a therapeutica; é indispensavel, é urgente, «dividir esta montanha de agentes, não só para os definir e classificar methodicamente, mas para os descrever com a maior clareza possivel». E' indispensavel, além d'isso, não descurar no ensino da chimica pharmaceutica as industrias correlativas, que se possam implantar facilmente, e com vantagens economicas no nosso paiz; e o orador menciona muitos productos pharmaceuticos, que poderiam preparar-se com os mineraes que se encontram entre nós—preparados arsenicaes, de antimonio, etc. Igualmente poderiamos aproveitar os sarros e tartaros dos nossos vinhos e as plantas de perfumes, que se podiam cultivar entre nós.

O estudo tão interessante das differentes classes de fermento, de que derivam noções que não só permite esclarecer phenomenos variados que se dão nos organismos vivos, mas tambem fornece noções da maior utilidade para as industrias e para a pharmacotechnia; —os conhecimentos modernos sobre as albuminas, toxinas, anti-toxinas, toxalbuminas e colloides— são o objecto de chimica biologica; a necessidade de crear entre nós esses estudos e collocar-os nas nossas escolas de pharmacia é evidente. O orador demonstrou-o com grande cópia de argumentos.

Por fim, o illustre professor, depois de uma saudação ao director da escola e aos seus collegas, terminou

fazendo uma invocação aos alumnos, indicando-lhes que escutassem attentos e assimilassem a lição dos seus mestres e dedicassem especial attenção aos trabalhos práticos no laboratorio e gabinete da escola, não esquecendo que «é na prática effectiva e diaria que se recebe o mais util e fecundo ensinamento das sciencias profossadas na escola».

Seguidamente o sr. dr. Thiago de Almeida procedeu á leitura dos nomes dos alumnos premiados no anno lectivo de 1906-1907, que são os seguintes:

1.^a cadeira (historia natural das drogas) — *Accessit*: José de Oliveira Pinto e João Julio Franchini.

2.^a cadeira (pharmacia chimica) — *Accessit*: João Julio Franchini e José de Oliveira Pinto.

4.^a cadeira (analyses toxicologicas) — *Accessit*: Allyrio Baptista de Barros.

A sessão terminou cerca das duas horas e meia da tarde.

Aquelle professor foi muito felicitado pelos seus collegas e por diversos assistentes.

Laboratorio Municipal do Porto

Parece que este laboratorio chimico, que tanto honrava o Porto, pelos grandes beneficios que prestava ao commercio e á sciencia, devido aos trabalhos valiosissimos que nelle se realisavam, vae abrir novamente.

Houve sentença, annullando a deliberação da camara que extinguiu o dito laboratorio, sentença que foi muito bem recebida, porque representa um acto de justiça.

O sr. conselheiro Ferreira da Silva, nosso consocio honorario, tem sido muito felicitado pelo acto de reparação praticado pelo tribunal, e tambem enviamos ao douto professor as nossas sinceras felicitações.

Sempre esperámos que justiça seria feita, porque

conhecemos perfeitamente a questão pela Separata da *Revista de chimica pura e applicada*.

Para se avaliar os serviços que o Laboratorio prestava ao Porto, bastará saber-se, que, desde a sua criação, se realisaram nelle 10.487 analyses. O serviço de analyses foi augmentando progressivamente. No primeiro anno fizeram 176 analyses, e, em 1906, 900, estando neste numero comprehendidas 846 analyses de substancias alimentares, o que é importante, e mostra que o sr. conselheiro Ferreira da Silva não esquecia o fim principal, para que o laboratorio foi creado.

F. de CARVALHO.

ROBERTO DUARTE SILVA

(Continuado da pag. 180)

N.º II

**O testamento de ROBERTO DUARTE SILVA
feito em Paris a 22 de abril de 1884**

Paris, 4 place de la Sorbonne, le 22 abril 1884.

Mon cher monsieur Friedel et vénéré Maitre

J'ai voulu depuis longtemps consigner dans une lettre quelques dispositions devant servir de testament et j'en ai été empêché par mes constantes occupations. Je vais consigner maintenant dans ces lignes que j'écris pour l'Angleterre mes dispositions testamentaires.

Je lègue à Société chimique de Paris:

Tous mes livres, y compris les bibliothèques, aussi le peu de fortune que je possède en valeurs déposées à la Société de Depots et de Comptes Courants, 2 place de l'Opéra à Paris, apres avoir payé:

A M.^{me} Fœrster, la veille femme de ménage qui me sert depuis quelques années, la somme de 1.500 fr.

Et avoir payé une petit dête que j'ai chez mon tailleur Mr. Moovot 28, rue Vivienne, dête, qui provient de ce que je n'ai pu régler mes comptes avec Mr. Moovot, faute de temps pour chercher les reçus d'argent remis.

Aussi une petite dête a Mr. Rabasse, 10, rue des Archives.

Et une petite dête a mes amis de Lisbonne MM Antonio Feliciano Alves d'Azevedo, Filhos, 31, Praça de D. Pedro.

Je laisse à mon neveu et filleul Roberto Duarte Silva Junior, fils de mon frère Joaquim Duarte Silva, décédé, toutes les petites terres qui me viennent de mon père et de ma mère à l'île Santo Antão, archipel du Cap Vert.

Les objects de menage et mon linge et les quelques meubles seront donnés à M.^{me} Fœrster.

Vous, mon excellent Maître, vous devrez prendre toutes mes petites chinoiseries et donner à mon excellent ami, Mr. de Clermont, deux caisses de chinoiseries, que me seront expédiées de Chine très prochainement, ce pourquoi j'ai envoyé dernièrement environ 200 fr.

A mon ami Grisou de la maison Clin & C.^{ie}, je vous prie de donner les deux vases de porcelaine de Chine, qui sont dans ma chambre à coucher et ont des oiseaux.

A mon ami Louis Perrot, l'actuel économiste de l'Ecole Centrale, une obligation de la Ville de Paris, que j'ai à la Société de Dépôts et Comptes Courants.

Outre les valeurs qui se trouvent à la Société de Dépôts, il y a à la Pharmacia Centrale, 7, rue de Joly, pour 2:000 fr. d'actions ou obligations qui m'appartiennent.

Dans le tiroir du cartonier, qui est tout près de la porte, marque R D S., si trouvent des papiers, qui intéressent mes affaires; mais il y a là aussi un paquet cacheté contenant des *lettres intimes que personne ne*

doit lire. Vous, mon cher Monsieur Friedel et mon excellent ami Mr. de Clermont, vous *brulez le paquet tel est.*

Voilà, mon excellent Maître, ma volonté et je confie dans votre si grande et paternelle bienveillance de tout faire executer.

Je vous dis adieu, mon vénéré Maître et à M.^{me} Friedel et vos chers enfants, sans oublier mon jeune ami Jean. Je me reppelle au bon souvenir de tous mes amis, surtout M. et M.^{me} de Clermont, et je prie Dieu de vous conserver et de vous bénir!

Recevez l'expression de la plus vive reconnaissance de votre élève qui vous vénère

P. S. Mes signatures se trouvent chez le notaire de la rue Condé et aussi au Consulat général de Portugal.

(signé) ROBERTO DUARTE SILVA
ou R. D. SILVA

(Continúa)

Maneira de suprimir os soluços

Segundo o *Lyon Médical*, o dr Argellier, de Bil-lom, e o pharmaceutico Fournioux, teem experimentado o seguinte meio, com bom resultado, contra os soluços: tomando um pedaço de assucar, mergulha-se em vinagre, mastiga-se rapidamente e deglute-se. Este processo, diz o dr. Argellier, nunca falha; obteve mesmo bom exito num caso de soluço histerico.

A pharmacia na cõrte do sultão ⁽¹⁾

No seu livro «Abdul Hamid II, sua familia e cõrte», Beenhard Stern dá interessantes detalhes sobre o exer-

⁽¹⁾ Apotheker Zeitung.

cicio da pharmacia na côrte do Sultão. No interior dos muros d'Ildiz existe uma pharmacia particular onde devem ser preparados os medicamentos destinados ao sultão e sua côrte. No tempo do seu primeiro director, um grego chamado Theodorides, a esta pharmacia faltavam as coisas mais necessarias, apesar das quantias importantes que o sultão destinava á officina. Os remedios prescriptos, eram simplesmente comprados em Pera ou Stamboul e mudados, na pharmacia imperial, para frascos especiaes.

O sultão tem para si e seu harem uma pharmacia particular. Existe ainda uma terceira pharmacia imperial para os principes e princezas, que não habitam Ildir; mas, temendo ser envenenados, fazem preparar os seus medicamentos em Pera.

Houve outr'ora, na côrte, dois pharmaceuticos allemães. Um chamado Wittig, que desapareceu sem deixar vestigios, depois de ter estabelecido, pela analyse, que uma alta personalidade da côrte tinha sido envenenada. O outro, o pharmaceutico da côrte, Dr. Arnold-Ansbach, agora em Munich, voltou á Allemanha.

**Resistenela do cão á acção de grandes doses
d'acido arsenioso. (1)**

O *Bulletin commercial*, de agosto de 1906, relata uma communicação feita por Doyon e Morel á Sociedade de biologia, communicação da qual resulta saber-se que o cão é um animal susceptivel de resistir a doses assaz consideraveis d'acido arsenioso. Com o fim de produzir lesões hepaticas tinham os auctores administrado acido arsenioso a diversos cães, quer pela via estomacal quer pela via sub-cutanea. Pelo estomago, o

(1) Répertoire de Pharmacie.

pó tinha sido dado por meio de sonda, depois de diluído em óleo, ou envolvido em pedaços de carne. N'um caso, um cão de 10 kilos tinha ingerido todos os dias, durante quatro mêzes, 1 gr. d'acido arsenioso solido. O animal não apresentou a menor perturbação, e no fim da experiencia tinha engordado 2 kilos.

O figado, o cerebro, e os pellos do animal, não continham quantidade alguma anormal de acido arsenioso.

Num outro caso administraram a um cão, em carne, uma dóse de 18 gr. d'acido arsenioso, sem provocar nem vomitos, nem diarrhea, nem qualquer outro symptoma de intoxicação.

Pelo contrario, quantidades infinitamente menores, introduzidas sob a pelle, provocavam a morte no fim de poucos dias.

Reproduzindo os resultados das experiencias de Doyone Morel, Vitron cita uma observação que foi feita, ha trinta annos, por um commissario de policia. Este funcionario, n'uma epocha em que se procedia com actividade á extincção da raiva no paiz onde se achava, tomou o encargo de administrar aos cães vadios bollinhas de carne, contendo cada uma 50 centigr. de acido arsenioso; qual não foi a sua surpresa ao encontrar no dia seguinte os cães de boa saude. Renovou a experiencia n'um seu cão, que tomou impunemente duas d'essas bollinhas.

De todas estas observações, parece resultar que o acido arsenioso é inoffensivo para os cães, logo que estes animaes o tenham absorvido pela via estomacal.

G. N.

JORNAL DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

Proprietaria — Sociedade Pharmaceutica Lusitana

Director — *Francisco de Carvalho*

Redacção e Administração — Rua Sociedade Pharmaceutica

NO

Edificio da mesma Sociedade

Composto e impresso na Papelaria e Typ. Estevão Nunes & Filhos

Rua do Ouro, 58 — Lisboa

PEÇAS OFFICIAES

Sessão de 31 de Agosto de 1907

Presidencia do sr. João Mendes Carreiro

Socios presentes : Srs. João Mendes Carreiro, Francisco Carlos Costa, Cisneiros de Faria, Mattos Miranda, Ismael Pimentel, Jayme Tavares, José Henrique Gomes, Alberto Veiga, José Bento Almeida, Rodrigo Ramos, Luiz Branquinho Junior, José Nunes, Francisco de Carvalho, Mourato Vermelho e Rosa Limpo.

Não estando presentes os srs. 1.^o e 2.^o secretario, o sr. Presidente convidou, para occuparem os seus logares, respectivamente, o sr. Gomes e Luiz Branquinho.

O sr. Presidente dá conta dos motivos que levaram a Mesa a convocar esta reunião extraordinaria, que foi não ter a Sociedade, pelo adeantado da hora da ultima sessão, podido pronunciar-se sobre a proposta do sr. Campos Palermo, proposta apresentada quasi no fim da mesma sessão e que se refere ao descanso semanal. Que sendo a discussão do assumpto de tão flagrante oportunidade, o voto da Sociedade não podia addiar-se e d'ahi a urgencia da reunião.

Seguidamente foi lida e approvada a acta da sessão anterior, depois de ligeiras observações dos srs. Mattos Miranda e Cisneiros de Faria, que declararam, o primeiro que só se referiu ao facto de se poderem ou não vender vinhos medicinaes nas pharmacias, aos domingos, e o segundo que combateu o encerramento e não o descanso semanal.

Antes da ordem da noite, o sr. Ismael Pimentel falou sobre a organização do laboratorio da Sociedade, respondendo-lhe o sr. Presidente, que explicou as razões de ordem economica que, até aqui, se teem opposto á realização desse *desideratum*.

Entrando-se na ordem da noite, usaram da palavra os srs. Ismael Pimentel, Mattos Miranda, Jayme Tavares, Henrique Gomes, Alberto Veiga, Almeida e Luiz Branquinho Junior, sendo por fim approvada a proposta do sr. Campos Palermo, que a sociedade não se envolvesse na questão do descanso semanal, por unanimidade, menos um voto, o do sr. Rosa Limpo.

A sessão, que principiou ás 9^{1/2} horas da noite, foi pelo sr. Presidente encerrada ás 11^{1/2}.

Servindo de 2.º secretario

LUIZ BRANQUINHO JUNIOR.

CHIMICA

da Ordem dos Farmacêuticos

Desinfecção das aguas potaveis pelo acido clorico e raios solares (1)

A esterilisação da agua potavel pelo calor é certamente, o meio de desinfecção mais seguro e recommen-

(1) La semaine medicale.

davel, mas ha casos em que a sua applicação é difficil senão impossivel.

E' sobretudo para as necessidades d'um exercito, em campanha e para as expedições coloniaes, que se tem procurado substituir aquelle processo por uma purificação chimica; diversos productos, taes como o iodo, per-manganato de potassio, etc., teem sido aconselhados para este fim.

Mas, além do mau gosto que estas substancias communicam á bebida, era necessario que a purificação assim obtida fosse reconhecidamente satisfatoria; assim Riegel procurou saber se o acido citrico, numa proporção quasi identica ao da limonada, teria o poder desinfectante necessario.

As experiencias foram feitas com uma agua que continha vibrões cholericos, bacillos d'Eberth e bacillos de desinteria.

Uma percentagam de 6^o/₁₀₀ d'acido citrico, bastou para a destruição dos vibrões cholericos. Pelo contrario, o seu effeito sobre os bacillos typhico e desinterico é menor, mais incerto e variavel. O auctor procurou juntar a este processo chimico a acção bactericida da luz solar. No verão e primavera, mesmo num clima temperado, basta expor ao sol, durante hora e meia, a agua contendo os 6^o/₁₀₀ d'acido citrico para que os bacillos d'Eberth e os da desinteria sejam completamente destruidos. Mas no inverno, quando o ambiente esteja sob uma temperatura fria — as experiencias foram feitas em Berlim — a exposição de duas horas ou mais tempo não é bastante.

D'onde resulta que nos paizes quentes, em que a acção do sol é muito intensa, o processo combinado (do acido citrico e luz solar) pode ser recommendado para obter agua purificada tendo ao mesmo tempo gosto agradavel.

Papel de filtrar: — causa d'erros em chimica analytica (1)

Em 1902 foi communicado á Sociedade de Pharmacia de Paris, por Mansier, que tomando papel de filtrar lavado pelo acido chlorhydrico, depois pela agua destillada, até á reacção neutra, e fazendo passar por esse filtro um soluto de soda normal, este soluto filtrado tinha perdido $\frac{1}{20}$ do seu titulo, o que prova que o papel tinha fixado a soda; as proporções fixadas eram ainda mais consideraveis operando com solutos mais diluidos.

Mansier havia dito que a mesma fixação se produzia com a cal, a baryta e os carbonatos alcalinos; com o sublimado, a perda de mercurio era dum quarto e a do chloro um vigessimio; numa soluto de morphina a perda era de 22 por 100 e o mesmo se dava com outros alcaloides.

Labat renovou as experiencias de Mansier e observou que, nos solutos normaes de soda, o titulo apenas diminuia $\frac{1}{40}$ e ainda em certos casos elle não variava; a diminuição não era verdadeiramente importante a não ser nos solutos centinormaes.

N'estes ultimos, a maior perda observada foi de 28 por 100.

Como disse Mansier, a diminuição do titulo é tanto maior quanto os solutos filtrados são mais diluidos.

Collocando em funil de vidro um quarto de papel de filtrar Prat-Dumas, sobre o qual verteu 4 c. cubicos de soluto decinormal de soda, e lançando em seguida sobre este papel agua fervente, de fórma a obter 50 c.c. de liquido e titulando-o, Labat observou que a perda apenas era de 17,5 por 100.

Mansier, nas mesmas condicções, tinha achado uma perda de quasi metade.

(1) Répertoire de Pharmacie.

Na agua de cal, Labat observou, depois da filtração, uma diminuição de titulo de 3 por 100, e, para a agua de baryta, 6,5 por 100.

Segundo Mansier, filtrando um soluto de chloreto de calcio a $\frac{2}{1000}$, o chloro não era fixado, mas o calcio era-o na proporção de $\frac{1}{3}$. Labat não observou perda alguma semelhante.

Quanto ao sublimado, os factos citados por Mansier eram bastante graves, e Labat considerou, desde o principio, os resultados publicados por Mansier como exagero.

Com effeito, conhecia-se o methodo de Denigès para a dosagem da caseina do leite e dos albuminoides da urina, consistindo em precipitar estas materias num meio acetico, sob a fórmula de combinações mercuriaes á custa d'um excesso d'iodeto mercurio-potassico, filtrar e a deduzir, da dosagem cyanometrica do mercurio a dóse de caseina ou d'albumina contida no liquido examinado.

Deycke propôz este processo para a dosagem da albumina do sangue. Ora o reagente precipitante é preparado com o sublimado e iodeto de potassio; se o filtro retivesse o mercurio d'um soluto de sublimado, reteria o mercurio do soluto empregado na preparação do reagente. Nem Denigès, nem Deycke observaram factos d'esta ordem.

Labat, mesmo, titulou solutos de sublimado apoz a filtração, e não observou baixa de titulo.

Fez titulagens que lhe permittiram observar que um soluto de sublimado que continha, antes da filtração, 0,^o745 de mercurio e 0,^o266 de chloro, continha exactamente estas mesmas proporções depois de filtrado.

No que respeita aos alcaloides, Labat não observou as perdas indicadas por Mansier; não operou todavia mais que em solutos de chlorhydrato de morphina e de sulfato de quinina.

Resulta das pesquisas de Labat que, como disse Mansier, a cellulose do papel de filtros pode fixar os alcalis, sobretudo quando estejam em soluto diluido. No que diz respeito ao chloreto de calcio, sublimado, chlorhydrato de morphina e sulfato de quinina, Labat não observou perda alguma.

Não se segue que não hajam corpos susceptiveis de ser retidos pelo papel; em todo o caso não parecem muito numerosos.

Processo simples de differenciar o sangue dos diversos animaes. (Plorkorvski) (1)

O processo indicado pelo auctor consiste em introduzir n'um tubo de vidro, de 6 centimetros d'altura e de 8 millimetros de diametro, um centimetro cubico de liquido de hydrocele ou de sôro sanguineo humano (o liquido hydrocelico é preferivel); dilue-se uma gotta do sangue fresco, que se deseja examinar, n'uma quantidade d'agua que pôde variar de 10 a 50 gottas, e lança-se com precaução esta mistura no tubo, de maneira que fique sobreposta ao liquido seroso alli contido.

Se o sangue é humano, nota-se, depois de meia hora ou tres quartos d'hora, que se formou um precipitado levemente córado em vermelho, que outra coisa não é que sangue coagulado, enquanto que o liquido sobrenadante ficou limpido.

Operando da mesma fórma com o sangue d'outro animal, não ha precipitado e o liquido córa-se em vermelho.

Pôde servir o sangue dessecado para produzir a reacção, mas só depois de dissolvido n'um soluto physiologico de chloreto de sodio.

Introduzindo no tubo o sérum de qualquer ani-

(1) Berichte der deuts. pharmac. Gesellschaft.

mal (cavallo, boi, etc.), nota-se, que, como no liquido do hydrocele humano, o precipitado não se produz sem que se junte a este sérum, sangue proveniente do mesmo animal.

Estas reacções são ainda mais sensiveis se se agitar com precaução os tubos de meia em meia hora, depois de produzida a coagulação: ha um novo precipitado a cada agitação.

Sulfato de quinina: methodo de Kerner

(P. Biginelli) (1)

Resulta das experiencias do auctor, que o methodo de Kerner é muito delicado, e que o seu emprego carece das seguintes condições:

1.^a O sal de quinina deve ser completamente efflorescente.

2.^a Uma elevação de temperatura de 40 a 50°. durante uma hora não é bastante para efflorescer o sulfato; pode aquecer-se a uma mais alta temperatura, durante menor praso de tempo, e abandona-lo em seguida á temperatura do ambiente durante dose a vinte e quatro horas.

3.^a A quantidade d'agua necessaria deve ser pesada exactamente.

4.^a A temperatura da reacção deve ser fixa.

5.^a A duração do esfriamento e a conservação do banho a 15° deve ser bem fixada.

6.^a Os filtros devem ser sempre da mesma natureza e dimensão.

7.^a A temperatura do soluto de quinina e a da ammonia deve ser mantida a 15° durante a existencia da mistura.

8.^a A mistura deve ser feita lentamente, afim d'evi-

(1) Bolletino chimico farmaceutico

tar a formação de hydrato a 8 equivalentes de H^2O , que é pouco soluvel.

O emprego do sulfato efflorescente deveria ser obrigatorio, não sómente para o ensaio de Kerner, mas para os de solubilidade.

A temperatura de 70 a 80°. seria preferivel á de 50 ou 60°, que deshydrata insufficientemente os saes duplos.

Tres ou quatro gr. de sulfato de quinina, tratados por 30 a 50.ºº d'agua, dariam uma quantidade de liquido maior, o que permittia tomar as ultimas porções filtradas e suprimir a acção do filtro.

Sabendo-se que o processo de Kerner faz reconhecer impuro um sulphato contendo quinina livre, deverá lavar-se antes este sal pelo ether do petroleo.

O peso das cinzas deve ser fixado em 0,10 por 100 o maximo.

G. N.

PHARMACIA

Processos facéis de esterilisação

(Continuado da pag. n.º 186)

Ha tambem estufas, com reguladores, que permittem manter qualquer temperatura, durante o tempo que se pretenda, sem oscilações.

Na esterilisação pelo ar quente, em estufas ou fornos, ha sempre a attender á natureza da substancia a esterilisar e á temperatura e tempo precisos para uma esterilisação effcaz.

Assim, muitos corpos não podem supportar temperaturas muito elevadas, e então é preciso que o tempo de esterilisação seja maior. Corpos ha que não po-

dem soffrer, sem se alterar, a acção do ar quente, quando essa temperatura attinge certa elevação, ao passo que por outros processos de esterllisação pelo calor resistem perfeitamente sem experimentar alteração. Isso succede com a maioria dos tecidos textis.

O algodão, gaze, papel, fios de seda etc. quando sujeitos ao ar quente, a temperatura elevada, soffrem grande alteração, que se manifesta, primeiramente, pela perda da sua consistencia, tornando-se quebradiços, e depois pela mudança de côr, chegando a reduzir-se a pó pelo simples toque.

Se os sujeitarmos ás mesmas temperaturas, ou ás equivalentes para produzir egual effeito bactericida, no vapor d'agua sob pressão, estes corpos apresentarão depois as mesmas propriedades que antes de soffrerem a operação, pelo que geralmente se esterilizam por este processo.

Muitas substancias que contêem quantidades maiores ou menores de materia mucilaginosa, succede-lhes perderem os liquidos da mucilagem tornando-se ressequidas e difficultando a entrada do calor no interior da massa, porque a evaporação começa na peripheria, e forma-se uma camada isoladora do calor.

O que se dá com as substancias d'aquella natureza dá-se tambem com os proprios microbios e seus esporos.

Já tivemos occasião de dizer, quando mostrámos alguns dos inconvenientes da esterilisação por processos chimicos, que os microbios e esporos se fazem acompanhar de certa quantidade de materias organicas, formando uma especie de geléa, que os envolvem mais ou menos, e portanto, pela acção do ar quente tambem esta ganga gelatinosa se torna secca e attenua grandemente a acção do calor; isto é, difficulta-lhe a entrada na membrana cellular do microbio ou do esporo, tornando assim os germens muito mais resistentes, e

sendo preciso empregar uma temperatura muito elevada ou de muito mais duração.

E' esta a razão essencial, por que, para esterilisar pelo ar quente, se exige sempre uma temperatura mais elevada do que para esterilisar pelo vapor d'agua sob pressão, dentro do mesmo espaço de tempo.

Quando tratarmos da esterilisação pelo vapor d'agua sob pressão diremos das vantagens que este processo apresenta, debaixo d'este ponto de vista, sobre o da esterilisação pelo ar quente. Podem esterilisar-se pelo ar quente o azeite, vaselina, lanolina, geolina e todos os corpos que podendo experimentar temperaturas elevadas sem se decomporem ou soffrerem alterações sensiveis.

Ha muitos corpos que não podem esterilisar-se pelo vapor d'agua e que com vantagem se podem esterilisar pelo processo da estufa ou dos fornos.

Está calculado que para fazer uma esterilisação pelo ar quente que equivalha a uma feita pelo vapor d'agua sob pressão a 120° , é preciso elevar a temperatura do ar de 170 a 180° .

Quando se colloquem nas estufas ou nos fornos corpos que se quebram com as diferenças bruscas de temperatura, taes como os de vidro, deve-se deixar primeiro abaixar alguma cousa a temperatura antes de os tirar.

Já dissemos que o material de vidro, porcelana ou d'este genero, pôde perfeitamente esterilisar-se por este processo, porque nada tem com elles os inconvenientes que apontamos com outros, visto poder-se elevar a temperatura o sufficiente para destruir todos os germens em pouco tempo.

—Certos corpos apresentam difficuldade em esterilisar-se por serem muito resistentes e ao mesmo tempo muito porosos.

É o que acontece com as velas que servem para fazer as esterilisações por filtração.

Algumas d'estas velas são usadas em pharmacia, para determinadas esterilisações de que mais alem falaremos, sendo as mais empregadas as de porcelana. Podem esterilisar-se por processos physicos e chimicos. O processo que aconselhamos é o physico, o qual passamos a descrever.

As velas, depois de terem servido, ficam invadidas pelos microbios, que se acham dentro dos canaliculos da vela e adherentes ás suas paredes, formando colonias ou aglomerações de microbios e dos seus esporos (nos microbios esporalados).

Se passarmos em revista os varios processos physicos de esterilisação, que conhecemos, vemos que não nos servem n'este caso. Podiamos esterilisar a vela pelo *vapor fluente ou sem pressão, ou pelo vapor sob pressão.*

Em qualquer dos casos se sujeitassemos as velas á temperatura e tempo convenientes, conseguiriamos matar os microbios, mas por este processo, se a quantidade de microbios fosse grande, o que succede muitas vezes, os cadaveres dos microbios ficariam obstruindo os canaliculos da vela e dificultariam depois a passagem dos liquidos, podendo-lhe até communicar certas propriedades inconvenientes, taes como mau cheiro, alteração no gosto e na côr, conforme a natureza dos micro-organismos que lá existissem.

Já temos visto velas, depois de tres dias de terem servido, por exemplo á filtração de solutos d'ergotino, cheias de bolores interior e exteriormente.

Pelas razões apontadas não se usam esses processos para a esterilisação das velas. A *flambage* parece á primeira vista que seria conveniente, mas só se deve usar quando não haja o outro meio que a seguir descrevemos.

A *flambage* a uma chamma de intensidade conveniente, e feita a operação com cuidado, destruiria por completo todos os microbios, ficando os da periphéria

da vela reduzidos a cinza, os que estiverem no interior das paredes da vela parte carbonizados parte em cinzas, e os do interior simplesmente carbonizados, podendo ainda assim ter alguns dos inconvenientes, que apontamos nos outros processos.

Ha, porém, ainda um outro inconveniente bastante para ponderar. A vela sendo d'argila, que se contrahe pelo fogo, e não incidindo o calor uniformemente sobre toda a vela, nos sitios em que a chamma incidir dar-se-ha a contracção, e esta não sendo acompanhada pelo resto da materia da vela poderá dar logar a rutura, devido á desigualdade de contracção; e isto é frequente succeder.

O processo geralmente seguido é esterilisar a vela n'uma forno de reverbero, aquecendo-o até ao rubro.

Assim, não só serão mortos os microbios como completamente destruida a materia de que são constituídos, ficando a vela apenas com ligeiros vestigios de cinza, pois a materia organica volatilisa-se transformada em $C O^2$, $C O$, $O H^2$ e varios productos pyrogenados.

Não se deve tirar a vela do forno senão depois de arrefecer.

Quando haja corpos d'esta natureza dever-se-hão esterilisar pelo mesmo processo.

De tudo isto se depreheende, que é indispensavel conhecer a natureza do corpo, que se pretende esterilisar, e só depois se póde escolher e processo de esterilisação.

• *Continúa*

VARIÉDADES

ROBERTO DUARTE SILVA

(Concluindo de pag. 198)

N.º 12

Carta que **ROBERTO DUARTE SILVA** escreveu a seu irmão **Antonio Duarte Silva**, em 1 de fevereiro de 1889, oito dias antes da sua morte

Paris, 1.º de fevereiro de 1889.

Meu caro Antonio

Recebi com prazer a tua carta de 6 do mez passado. Agradeço muito a tua attenção.

Estimo que os teus negocios continuem como presentemente. Não te queixes da sorte, pois a residencia de S. Vicente não deve ser desagradavel, e és o unico pharmaceutico da ilha. Se quizeres trabalhar, debes ahi viver agradavelmente.

Tenho o pezar de te dizer que estou muito doente ha já oito mezes e com pouca esperanza de me restabelecer; tenho uma terrivel doença do estomago, e, o que é muito peor, o pulmão esquerdo atacado; n'estas condições preciso em breve dispôr das minhas cousas e fazer o meu testamento.

Para isto preciso que me envies pelo primeiro vapor a lista das terras que me vêm do patrimonio de nossos paes. Desejo saber onde estão situadas, de que são cultivadas, etc., e bem entendido tambem os preços porque foram estimadas e os que representam hoje.

Quem recebe os productos d'estas terras? Não faço estes pedidos, bem entendido, para exigir alguma cousa.

Tenho muita pena do estado da minha saude ; por que o meu grande desejo fôra ir passar o resto da minha vida em Santo Antão, n'uma pequena propriedade, que comprasse, bem situada e com uma caza. Lá queria eu ter laranjeiras, alguns pés de café, muita bananaeira, papaeira, etc., que me lembrassem uma pequena parte da minha dura mocidade.

Inclino me deante da vontade de Deus!

Tem saude e os teus e recebe um abraço de

Teu irmão.

R. D. SILVA.

P. S. Manda-me o mais *breve possivel* a lista que te peço.

N.º 13

Episodio de viagem, com ROBERTO DUARTE SILVA, narrado pelo sr. Rangel de Lima

Foi em 1888. Eu acompanhava uma das mais conhecidas familias de Lisboa em viagem pela Hespanha, França e Suissa. Depois de estarmos uma semana em Madrid, fomos d'aquella capital a Bordeus, onde nos deviamos demorar poucos dias, para, em seguida, passarmos uma temporada em Paris e de lá partirmos para Lucerne.

Em Handaya, quando mudámos de comboio, occupámos uma carruagem composta de dois compartimentos, que se communicavam por uma estreita porta. N'um dos compartimentos tomei logar com os pais e a avó de duas meninas : uma que apenas balbuciava raras palavras ; outra, dos seus dez ou doze annos, muito sagaz, muito intelligente, fallando já com facillidade algumas linguas estrangeiras. No compartimento contiguo

ao nosso iam as duas meninas — a mais nova acompanhada por uma criada antiga da casa, a mais velha por uma *instrutice* allemã, bastantante instruida, fallando tambem as principaes linguas vivas.

Chegado o comboio a Biarritz, entrou no compartimento em que viajavam as meninas um homem já de certa idade. Do meu logar vi-o assentar-se em frente da menina mais velha e da mestra.

Confesso que estranhei o todo um tanto original d'aquelle viajante. Completamente vestido de preto — ampla sobrecasaca, laço de seda, chapéu alto e luvas de pellica — o seu rosto, em quem transparecia, é certo, uma tal ou qual expressão de bondade e bonhomia atrahente, offereciã, contudo, um verdadeiro contraste com o dos viajantes que, de ordinario, se encontram n'aquellas paragens. De uma côr baça, olhar meigo, nariz um tanto achatado, bigode de guias compridas e cahidas, não parecia um europeu. O fato preto que trajava e o chapéu alto a occultar-lhe uma cabelleira basta e toda annellada, como depois se viu, tornavam a sua physionomia ainda mais soturna, dando-lhe ares de um funcionario indigena de qualquer provincia ultramarina.

A' menina mais velha da já citada familia não passou despercebido o estranho aspecto do recém chegado; pelo que, depois de o mirar e remirar, voltando-se para a *instrutice* que parecia ter ficado, como a discipula, tambem impressionada pela presença do novo companheiro de viagem, disse-lhe, em inglez, com a desculpavel imprudencia de uma creança :

— Parece um Chinez de luto, vestido á europea. E' a primeira vez que vejo um homem assim !

A mestra sorriu-se e não respondeu; mas no seu sorriso mostrou concordar plenamente com a opinião da discipula.

O nosso homem, impassivel, conservando o seu ar

bondoso, tira, momentos depois, do bolso da sobreca-saca uma charuteira, da charuteira um charuto, e, dirigindo-se com a mais perfeita cortezia á menina e á mestre pergunta-lhes, em correctissimo inglez, se as não incommoda o fumo do charuto.

A perturbação das duas foi de tal ordem que não se atreveram a responder ao seu interlocutor. Apenas a menina, vexadíssima, teve animo para dizer á mestra, em allemão:

— Então o chinez de luto não se me sáe a fallar inglez como um inglez!

E o chinez de luto que fallava inglez como um inglez, vendo que as duas não respondiam á sua pergunta, observa-lhes em puro allemão:

— Visto que não se oppõem, accenderei o meu charuto.

O assombro da pobre menina ao ouvir aquellas palavras foi ainda maior que o da mestra. Fez-se de mil côres, e tão perturbada ficou por um momento, que a criada que acompanhava a irmã mais nova correu pressurosa para ella, julgando que lhe ia dar alguma coisa.

A menina, porém, cobrando novamente animo, disse á creada, que era portugueza e não fallava outra lingua senão a sua:

— Não é nada, Conceição. não te assustes. Succede-me com este homem uma coisa... Logo te contarei.

N'isto, o comboio pára na estação de Bayonna.

Eu, percebendo que se pasava o que quer que fosse de extraordinario no compartimento vizinho, levantei-me do meu lugar para ir saber o que era.

O singular viajante levantou-se tambem; e, tirando da carteira um bilhete de visita, entregou-m'o, dizendo em bom portuguez:

«Peço desculpa se dei motivo, embora involuntario, a qualquer censatoria; mas, cesssando a causa, cessa o effeito. Eu apei-mo n'esta estação».

E, descobrindo-se respeitosamente, saiu tão apressado que nem sequer me deu tempo a trocar com elle duas palavras.

Dominado pela maior curiosidade, leio o cartão de visita, e nelle vejo gravado um nome que não me era estranho: o do celebre professor de chimica em Paris, Roberto Duarte Silva.

Tinha idéa, e não me enganava, conforme depois verifiquei, de que este nosso compatriota era um dos mais illustres ornamentos do professorado francez. Natural da ilha de Santo Antão, archipelago de Cabo Verde, foi em 1863 para França, onde publicou varios livros, alguns dos quaes a Academia das Sciencias de Paris premiou. Apesar de estrangeiro, obteve em 1867 a alta distincção de ser eleito presidente da Sociedade de Chimica d'aquella capital.

Em 1889, os jornaes de Lisboa annunciavam a sua morte, occorrida em 9 de fevereiro, e descreviam o funeral do illustre sabio, ao qual assistiram as summidades do professorado e da sciencia de Paris.

A triste nova trouxe-me á memoria o episodio de viagem do anno anterior, que deixo aqui relatado com a mesma simplicidade com que então me foi referido pela sympathica menina que lhe dera origem, e é hoje uma senhora casada das mais illustradas da nossa primeira sociedade.

Julho de 1904.

RANGEL DE LIMA.

Revista litteraria, scientica d' «O Seculo»
de 8 de agosto de 1904).

CASA DA SOCIEDADE

Termo do sorteio, realisado em 25 de Junho de 1907, de vinte e cinco obrigações do empréstimo para a construção do edificio, a amortisar no primeiro semestre do dito anno.

Aos vinte e cinco dias do mez de junho do anno de mil novecentos e sete, nesta cidade de Lisboa e edificio da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, situado no Bairro Camões, Rua da Sociedade Pharmaceutica, pelas oito e meia horas da noite, achando-se ali reunidos os membros do conselho administrativo da mesma Sociedade, abaixo assignados, e sob a presidencia do sr. João Mendes Carreiro, Presidente da Sociedade, afim de se proceder ao sorteio de *vinte e cinco* obrigações do empréstimo para a construção do edificio, que devem ser amortisadas no primeiro semestre do referido anno de mil novecentos e sete, e sendo apresentado pelo thesoureiro da Sociedade o sr. Antonino Alves Barata um embrulho de papel, lacrado e sellado com um timbre antigo da Sociedade, e com um rotulo escripto, indicando que o mesmo embrulho continha um sacco de linhagem, no qual se haviam guardado os cartões correspondentes aos numeros das obrigações ainda não sorteadas, tendo o referido rotulo a data do ultimo sorteio, effectuado em vinte e seis de junho de mil novecentos e seis, e a rubrica de todos os vogaes do conselho administrativo e obrigacionistas que assistiram a todos os actos do dito sorteio; e tendo o sr. Presidente quebrado o sêllo do referido embrulho e procedido á abertura do sacco de linhagem nelle contido, verificaram todos os vogaes do conselho presentes, que no mesmo sacco se encontravam os cartões

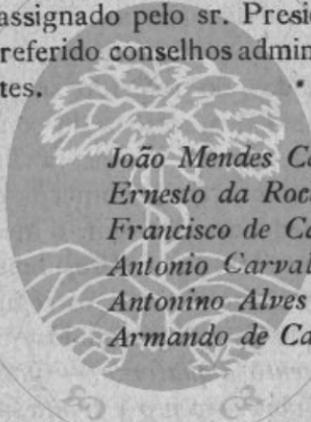
indicados no rotulo, e procedendo-se á sua contagem se verificou existirem *trezentos e dezeseis* cartões numerados, declarando o sr. Presidente nesta occasião que, se acaso no sorteio a que se ia proceder, sahissesem os numeros *cento e treze*,—*trezentos e vinte e oito*,—*trezentos e vinte e nove*,—*trezentos e quarenta e nove*,—*trezentos e cincoenta e trezentos e setenta e quatro a trezentos e oitenta e trez*, estes não deviam ser aproveitados, por corresponderem aos numeros de quinze obrigações offerecidas pelos seus possuidores á Sociedade posteriormente ao primeiro sorteio.

Tendo sido depois os ditos *trezentos e dezeseis* cartões bem misturados no referido sacco de linhagem, foi chamado á sala das sessões do conselho, onde se procedeu ao sorteio, um menor, a fim de tirar do mesmo sacco os *vinte e cinco* numeros que deviam ser sorteados, e procedendo-se assim, o mesmo menor entregou successivamente ao sr. Presidente *vinte e cinco* cartões, que se verificou terem os seguintes numeros pela ordem porque foram estrahidos, a saber:—*cincoenta e sete*.—*cento e quatorze*,—*quarenta e seis*,—*cento e setenta e nove*,—*cento e trinta*,—*duzentos e setenta*,—*trezentos e noventa e quatro*,—*duzentos e trinta*,—*duzentos e quinze*,—*cento e um*,—*duzentos e onze*,—*duzentos e quarenta e sete*,—*quatrocentos e treze*,—*duzentos e cincoenta e nove*,—*duzentos e sessenta e sete*,—*quatrocentos e quinze*,—*cento e setenta e cinco*,—*cento e setenta e dois*,—*duzentos e seis*,—*trezentos e setenta*,—*quatrocentos e quarenta e sete*,—*trezentos e quatorze*,—*cento e cincoenta e oito*—, *cincoenta e cinco*,—*cinco*.

Procedendo-se em seguida á arrecadação dos cartões não sorteados, foram estes guardados no mesmo sacco de linhagem, e os cartões dos numeros sorteados inutilizados, sendo o dito sacco fechado e envolvido n'um embrulho de papel, lacrado e sellado com o

timbre antigo da Sociedade, escrevendo o sr. Ernesto Gonçalves da Rocha e Castro, primeiro secretario, o competente rotulo na parte exterior do mesmo embrulho, indicando o que elle contém e a data do ultimo sorteio realisado, e sendo depois rubricado por todos os vogaes do conselho administrativo que assistiram aos actos do sorteio, foi em seguida entregue ao thesoureiro da Sociedade o sr. Antonino Alves Barata, a fim de ficar guardado na Thesouraria.

E de tudo o que, para constar, se lavrou este termo, que vae assignado pelo sr. Presidente e por todos os vogaes do referido conselhos administrativo que estiveram presentes.



João Mendes Carreiro.

Ernesto da Rocha e Castro.

Francisco de Carvalho.

Antonio Carvalho da Fonseca

Antonino Alves Barata.

Armando de Campos Palermo.

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

JORNAL DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

Proprietaria — Sociedade Pharmaceutica Lusitana

Director — *Francisco de Carvalho*

Redacção e Administração — Rua Sociedade Pharmaceutica

NO

Edificio da mesma Sociedade

Composto e impresso na Papelaria e Typ. Estevão Nunes & Filhos

Rua do Ouro, 58 — Lisboa

PEÇAS OFFICIAES

Sessão de 12 de Novembro de 1907

Presidencia do sr. João Mendes Carreiro

Socios presentes: Srs. Francisco de Carvalho, João Mendes Carreiro, Francisco de Jesus, José Nunes, Gaspar Maria do Nascimento, Valladas Preto, Campos Palermo e João Francisco Tavares.

Abertura da sessão ás 9^{1/2} da noite.

Não tendo comparecido o 1.º secretario, o sr. Mendes Carreiro convidou a exercer aquelle cargo o sr. Gaspar do Nascimento.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior — 31 de agosto do ultimo.

O 1.º secretario fez a leitura da correspondencia, na qual havia uma carta do nosso consocio sr. Joaquim de Jesus Cardoso e Sousa, de Maiorca, com referencia ao descanso semanal, do que a Sociedade ficou inteirada.

Tambem existia carta d'outro collega, de Cantanhede, em que pergunta se um medico pela escola do Funchal pode exercer clinica no continente: e se é obri-

gado a ter na sua pharmacia medicamentos que não é costume receitarem-se na localidade onde está estabelecido.

Fala sobre o assumpto o signatario e o sr. Francisco de Carvalho, ficando resolvido que o 2.^o secretario escreva a este nosso collega elucidando o sobre a sua consulta.

Carta de um nosso antigo consocio e collaborador, em importantes trabalhos, o sr. Manuel Falcoeiros, residente no Brazil, ha pouco de visita em Lisboa, agradecendo as condolencias da Sociedade pelo fallecimento da sua estremecida esposa.

Carta, com a nota d'urgencia, do nosso consocio sr. Francisco de Souza Gomes, de Portimão, pedindo a intervenção da Sociedade, afim de cohibir o abuso de macomunicação d'um medico com um pharmaceutico, naquella villa.

O sr. Presidente declara que já tratou de providenciar, e conta chegar a bom termo, porque em caso identico já a Sociedade foi attendida pelas instancias competentes.

Antes da ordem da noite, pediu a palavra o signatario para participar á Sociedade que em nome d'esta tinha procurado o sr. ministro das obras publicas, sobre o assumpto d'uma proposta que tracta da reforma do Mercado Central de Productos Agricolas; e que tendo preguntado a s. ex.^a, se no seu projecto de reforma haveria qualquer disposição ácerca de fiscalisação, inspecção e analyse de productos alimentares, respondeu que a reforma se restringia a disposições sobre o regimen de trigos e outros productos, e da transferencia das attribuições do ministerio das obras publicas, para o do reino, sobre o mesmo assumpto.

O sr. Francisco de Carvalho propoz um voto de sentimento pela morte do nosso antigo consocio João Augusto Solar, major pharmaceutico, á memoria do qual

fez elogiosas referencias, e que se communicasse esta resolução a sua esposa sr.^a D. Adelaide Barbosa Solar. Foi unanimemente approvedo.

Os sr. Francisco de Jesus e José Nunes levantam um incidente sobre a demissão do socio sr. Freitas e Silva, tendo o sr. Presidente dito que já tinha ficado resolvido, não se tratar mais de semelhante assumpto, para evitar retaliações, que só podem prejudicar o bom andamento dos trabalhos da Sociedade.

Como o incidente não terminasse, alguns socios retiram-se, e o sr. Presidente encerrou a sessão por falta de numero de socios.

Eram 11 ¹/₂ da noite.

O 2.^o SECRETARIO,
ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

Sessão de 10 de Dezembro de 1907

Presidencia do sr. João Mendes Carreiro

Abertura da sessão ás 10 horas da noite

Não estando presentes os srs. secretarios foram convidados pelo sr. Presidente a occuparem os seus logares os socios srs. Almeida Alves como 1.^o secretario, e João Francisco de Jesus, 2.^o secretario.

Procedendo-se á leitura da correspondencia, não foi lida a acta da sessão anterior, por o sr. Campos Palermo a não ter enviado.

Seguidamente o sr. Presidente informa a assembleia, que se commettem abusos, sobre as leis de saude publica, em Portimão; e, attendendo á urgencia que lhe pediram, que officiou ao governador civil de Faro, e que, tendo agora ensejo, communica este facto á Sociedade a que tem a honra de presidir.

Ao mesmo tempo pedio que de ora avante não se admittam assumptos á discussão, antes da ordem da

noute, porque havendo trabalhos encetados na sessão anterior, não se concluíram por ter concedido a palavra a varios socios sobre materias extranhos a ella.

Entrando-se logo na ordem da noite, foram admitidos para socios os srs. Marcolino Alves da Cunha e Carlos Prospero Barella.

Estava tambem, sobre a meza, uma proposta para socios honorarios, que teve a primeira leitura, resolvendo-se nomear uma commissão para sobre ella dar o seu parecer, que ficou composta dos socios, srs. Francisco de Carvalho, Jayme José da Costa e João Francisco Tavares.

Em seguida o sr. Presidente justifica a sua attitude ao abrir da sessão, pela faculdade que lhe concede o art.º 56 do regulamento interno da Sociedade.

O socio João Francisco de Jesus declara que tomando em consideração, o que o nosso illustre Presidente acaba de resolver sobre assumptos dados para antes da ordem da noite, os socios devem usar da faculdade do art.º 51, 3.º do *regimento*, isto é, declararem com antecedencia as materias que desejam tractar na sessão immediata.

O sr. Carvalho da Fonseca julga rasoavel a doutrina do sr. Presidente e entende ser de toda a justiça que os socios tenham conhecimento dos trabalhos, que se trate nas sessões seguintes, afim de estarem preparados para os discutir.

João Francisco de Jesus volta a insistir em que ha assumptos que não podem deixar de discutir-se antes da ordem da noite; muitas vezes veem no jornal lapsos que é de justiça emendar, e que passam despercebidos, quando se ouvem ler as actas, como tivemos occasião de observar isso na sessão transacta; e como todos estamos animados da melhor vontade, os desejos heterogeneos conciliam-se.

Desejava que voltasse a existir o livro das actas e

que o nosso jornal trouxesse apenas um extracto das sessões, visto a nossa vida íntima, associativa, não interessar aos extranhos; e ao mesmo tempo por haverem particularidades que devem apenas constar d'esse livro. Ainda, no uso da palavra, lembra á assembleia a vantagem de se modificar o convite para as sessões, não dispensando a cooperação de todos os nossos illustres collegas, sobre quaesquer trabalho que queiram trazer á assembleia.

O sr. Francisco de Carvalho, respondendo ao orador que o antecedeu, tem a informar que, o livro das actas, deixou de existir porque eram transcriptas do jornal da Sociedade. Que outróra, o nosso saudoso consocio Sousa Telles instou bastante para que não deixássemos de cumprir essa formalidade, e que se vio obrigado a coordenar as actas de então, para fazer um livro, mas que se levantaram difficuldades no seu proseguimento. Entretanto, conformava-se com qualquer deliberação que n'este sentido se tomasse.

Emquanto á modificação, que o socio pede que se faça nos avisos das sessões, acha-a regular; em tempos fôra contra isso, por lhe parecer irem crear atrictos ou embaraços á Sociedade, pois que essas exigencias iam até a convidarem-se pessoas extranhas, affim de assistirem á discussão de assumptos.

O João Francisco de Jesus, replicando, diz não se dar por satisfeito com os argumentos do orador antecedente, sobre as actas, visto ellas terem-se sempre feito até 1891, como constava da secretaria; e sobre o convite a pessoas extranhas não foi alvitrado por elle. O fim porque tem trazido assumptos differentes a esta Sociedade, é apenas para que outros socios de maior illustração e competencia os desenvolvam, e sobretudo para que os nossos juvenis e estudiosos collegas das escolas nos tragam materias novas e estabeleçam aqui debates scientificos.

O sr. Jayme Costa refere-se á installação de fabricas estrangeiras em Portugal, e ao facto de apresentarem productos com sellagem inferior á que deviam ter, sophismado os rotulos, que por dentro estão escriptos em francez e por fóra em portuguez.

O sr. José Nunes renova a sua insistencia sobre a falta do livro das actas, e fez ver os inconvenientes que isso traz aos trabalhos de investigação que se queiram fazer, visto o jornal vir sempre atrazado.

Lamenta que não fôsse lida n'esta sessão a ultima acta, porque desejava saber se fôra modificada em harmonia com o officio, que se leu á illustre assembleia.

O sr. Presidente lembra ao digno socio de que o segundo secretario apresentou as suas razões, e que lhe pareceu que ficava satisfeito, ou pelo menos não constatou, com insistencia, o facto.

O sr. José Nunes replica, que a sessão fôra curta e não insistiu porque os socios retiraram quando se tratava do caso, tendo o sr. Presidente de encerrar a sessão por falta de numero.

O sr. Presidente pede á esclarecida assembleia que tome em consideração os argumentos referentes a Sousa Telles; que nos conformemos com as deliberações tomadas n'esse tempo e que fique por esta forma liquidada a discussão das actas.

O sr. Francisco de Carvalho, como presidente da comissão de redacção, tem ainda a informar o sr. José Nunes de que, o que está no jornal, é pouco mais ou menos o que se deprehende do officio; que a comissão não altera o texto das actas, e que só por deliberação da assembleia se faz qualquer rectificação.

O sr. Carvalho da Fonseca fallando sobre as irregularidades dos fabricantes estrangeiros, regosija-se por ter mais este excitante de nervos! Constou-lhe que se dizia ser elle um dos patrocinadores d'esses abusos, mas considerava isso affrontoso á sua dignidade, e pe-

dia que lh'o demonstrassem com factos. Lembra que a benevolencia que tem usado para com os seus collegas, no espinhoso cargo que exerce juncto do governo, nem sempre é correspondida com a mesma lealdade e boa fé!

O sêllo de 50 réis é hoje privativo das alfandegas, e simplesmente para pôr ao abrigo de abusos os productos nacionaes. Entretanto, deseja ouvir outros commentarios sobre este caso, affim de responder. Lamenta tambem que pharmaceuticos portuguezes quando escrevem os rotulos das suas especialidades, deem a preferencia ás linguas estrangeiras.

O sr. Almeida Alves diz que veiu á Sociedade exclusivamente por causa do assumpto apresentado pelo seu esclarecido collega Jayme Costa.

Justifica o caso de os pharmaceuticos se sujeitarem aos droguistas, não por ser uma submissão, mas apenas devido á força de circumstancias.

Refere-se á invasão de productos estrangeiros que infestam o nosso mercado; insiste na irregularidade ou dôlo, illudindo a fazenda nacional, e por fim mostra um d'esses exemplares, denominado «Xarope Famel», preparado com a assistencia do pharmaceutico F. Borges, diplomado pela escola de Lisboa. Pergunta se isto é legal, e aproveitando o ensejo de estar presente o sr. inspector do sêllo, desejava ouvir a sua opinião.

O sr. Carvalho da Fonseca, respondendo ao digno sócio, tem apenas a dizer-lhe o seguinte: sobre as irregularidades da sellagem nessa especialidade, apresente as razões por escripto na repartição competente; e sobre o abuso do preparado, parece-lhe que poderá encontrar solução no conselho superior de hygiene publica.

O sr. Almeida Alves entende que o assumpto interessa a todos os pharmaceuticos, e péde que seja dado para ordem da noite da proxima sessão.

O sr. Presidente encerra a sessão ás 12 horas, dando para ordem da noute, da seguinte, a continuação do debate sobre o Xarope Famel e noções geraes sobre fermentos.

O socio servindo de 2.º secretario,

JOÃO FRANCISCO DE JESUS.

Sessão de 31 de Dezembro de 1907

Presidencia do sr. João Mendes Carreiro

Socios presentes: Srs. Antonio Carvalho da Fonseca, Seabra Lopes, João Mendes Carreiro, Almeida Alves, Jayme José da Costa, João Francisco de Jesus, Armando de Campos Palermo, Francisco de Carvalho e José Nunes.

Por ter faltado o 1.º secretario, o sr. Presidente convidou para exercer o seu logar o sr. Seabra Lopes.

Foi lida e approvada a acta da sessão de 12 de novembro. Foi tambem lida a acta de 1 de dezembro, e approvada depois de ligeiras modificações, em virtude de algumas emendas propostas pelo sr. Francisco de Carvalho.

O sr. Francisco de Jesus pede que seja lida novamente a acta de 12 de novembro, quando comparecer o sr. José Nunes, visto ella encerrar materia que diz respeito aquelle nosso conhecido consocio.

O 2.º secretario responde ao sr. Jesus, que não acha motivo para se deferir o que elle pede, pois que o assumpto de que trata a acta, e a que elle se refere, pode ser tratado em qualquer occasião, independentemente de nova leitura da acta. O sr. Jesus conformou-se com este parecer.

O sr. Presidente João Mendes Carreiro communica á Sociedade que, por informações de toda a confiança, soube a agradavel noticia, de que na reforma das mor-

gues, em elaboração pelo sr. ministro da justiça, ficarão os trabalhos toxicologicos a cargo das Escolas de Pharmacia, e que o pessoal d'estas será augmentado com um preparador pharmaceutico. por cada escola. Mostra s. ex.^a em seguida o grande alcance que esta medida tem para o levantamento do prestigio da classe. A assembléa manifestou o seu contentamento, por tão agradável noticia, usando da palavra neste sentido o sr. Francisco de Carvalho.

O sr. Presidente propõe um voto de sentimento pelo fallecimento de um irmão do nosso consocio, da Ilha Terceira, Vasco Sequeira de Moraes, que foi unanimemente approvedo.

Participa tambem o sr. Presidente que recebeu uma proposta para socio, assignada pelo proposto, o que é contrario ás disposições dos estatutos.

Sobre o assumpto fallam varios socios, ficando resolvido sob proposta do sr. Almeida Alves, que se enviasse um dos jornaes da Sociedade, que tem a lista dos socios, para o proposto escolher algum d'elles para seu proponente.

O sr. Francisco de Jesus pede a palavra, e sendo-lhe concedida, diz que a Sociedade deve encetar trabalhos com o fim de conseguir a autonomia das Escolas de Pharmacia; e lê um trecho da oração academica proferida pelo nosso consocio e professor de Pharmacia da Escola do Porto, sr. Antonio Carvalho da Fonseca, na abertura das aulas do presente anno lectivo, em que defende substanciosamente essa doutrina

O nosso consocio sr. Francisco de Carvalho responde ao sr. Jesus, que tambem deseja as Escolas autonomas, como aliaz toda a classe; mas que por'ora acha que se não deve tratar d'esse assumpto, por não lhe parecer opportuna a occasião e haver outros de mais urgente necessidade, como é, por exemplo, a reforma d'exercicio profissional.

Sobre o mesmo assumpto fallaram o sr. Carvalho da Fonseca e Campos Palermo, sendo ambos de parecer que é imprudente pedir muitas coisas ao mesmo tempo, e que é preciso muita diplomacia no campo das reivindicações, até para se alcançar aquillo que de direito nos pertence.

Ordem da noite. 1.^a parte: Teve primeira leitura um parecer sobre uma proposta para socio honorario.

2.^a parte. Especialidades estrangeiras.

O sr. Almeida Alves diz que na sessão anterior tinha levantado a questão de tão melindroso assumpto, e a Sociedade achando-o de grande importancia deliberou dal-o para ordem da noite, d'esta sessão.

Depois de repetir o que narrou na sessão passada, sobre o caso, apresentou a seguinte proposta:

«Em virtude da concorrência desleal, que, os productores das especialidades pharmaceuticas estrangeiras estão fazendo ás similares nacionaes, por tolerancia da sua preparação no nosso paiz, o que importa prejuizo para a fazenda nacional, além da ruina da industria pharmaceutica portugueza, proponho que a Sociedade procure o sr. ministro da fazenda, afim de cessarem estes abusos, ou saber se realmente este facto é de seu conhecimento e auctorisação».

O sr. Carvalho da Fonseca declara que de repente senão pode fazer coisa alguma, tanto mais que a especialidade pharmaceutica, a que se refere o sr. Almeida Alves, está dentro d'um regimen ainda em vigor, mas que termina brevemente devido a medidas, que foram tomadas com o fim de evitar abusos, que a experiencia tem revelado. Diz parecer-lhe a questão levantada pelo sr. Almeida Alves uma questão pessoal, pois sendo de conhecimento do nosso consocio, ha muitissimo tempo, numerosos casos identicos, nunca se insurgio contra elles. Lamenta que se tenham espalhado pelos seus collegas boatos de ter sido elle que aconselhou a preparação

e venda do preparado a que se refere o sr. Almeida Alves, e julga ser aquelle consocio quem os propalou, pois que é completamente destituído de fundamento o que lhe querem insinuar.

O sr. Jayme José da Costa declara que é esta uma questão muito grave, que senão deve descurar. Que são dois os seus pontos principaes: 1.º o damno material que este abuso nos causa; e 2.º a illegalidade que representa estar um individuo preparando e vendendo medicamentos sem ter diploma de pharmaceutico pelas nossas escolas.

Como a hora estivesse adeantada, o sr. Presidente pediu ao sr. Francisco de Jesus, que fizesse a sua dissertação sobre fermentos na proxima sessão, ao que este consocio annuou gentilmente, pedindo, porém, que dos avisos da sessão constasse que tractaria de fermentos.

Em seguida o sr. Presidente encerrou a sessão. Eram onze e quarenta minutos da noite.

O 2.º secretario,

ARMANDO DE CAMPOS PALERMO.

CHIMICA

A estabilidade do soluto de per-manganato de potaesto, J. por W. Hamner (1)

Segundo o auctor, desde que as substancias organicas que se encontram na agua ou que adherem ás paredes do vaso são destruidas pelo per-manganato, e que uma quantidade correspondente d'este ultimo está decomposto, a estabilidade do soluto torna-se, por assim dizer, illimitada.

Hamner serviu-se, para as suas experiencias, de tres

(1) Apotheker Zeitung.

frascos que encheu d'um soluto de per-manganato de potassio de concentração conhecida. Estes frascos tinham contido anteriormente: o primeiro, um soluto de per-manganato, o segundo um extracto fluido e o terceiro uma tinctura. Os dois ultimos frascos foram apenas cuidadosamente lavados. Todos elles eram de vidro amarello e rolhados a esmeril.

Indicam as tabellas que acompanham a nota do auctor, que o soluto de per-manganato não havia mudado de titulo, no primeiro frasco, quatorze dias depois, enquanto que esta estabilidade não foi attingida, nos dois outros, senão depois de quatro a cinco mezes.

Um soluto de per-manganato antigo é, portanto, o que se deve preferir nos laboratorios. Se se conservar ao abrigo da luz e de modo a evitar o accesso de qualquer impureza, o seu titulo nunca variará.

Atoxil ⁽¹⁾

Tem sido dada ao atoxil a formula $C^6 H^5 Az H As O^2$, contendo 37, 69: 100 de arsenico. Ora a analyse, feita por Puckner e Clark, indicou sómente 25, 77 por 100, pelo que a formula do atoxil deverá ser $C^6 H^4. Az H^2. (As O. OH. O. NA)^2$. Doseia-se o arsenico aquecendo a substancia a banho-maria, por meia hora, em frasco fechado com um soluto saturado d'acido sulfuroso; elimina-se o excesso d'acido sulfuroso pelo calor, e titula-se pelo iodo.

Para doseiar o sodio, humedece-se a substancia com acido sulfurico concentrado; calcina-se e pesa-se o sulfato de sodio formado.

A agua é doseiada por dessiccação a 100°.

G. N.

(1) Pharmaceutical Journal.

PHARMACIA

Solubillidade de certos saes na glycerina Ossendowski (1)

100 partes de glycerina pura a 15.^o dissolvem :

Acetato de cobre.....	10.0
Acido benzoico.....	10.21
Acido borico.....	11.0
Acido oxalico.....	15.10
Arseniato de potassio.....	50.13
Arseniato de sodio.....	50.0
Bi-carbonato de sodio.....	8.06
Borato de sodio.....	60.0
Carbonato d'ammoniac.....	20.0
Carbonato de sodio.....	98.3
Chlorato de potassio.....	3.54
Chloreto d'ammoniac.....	20.06
Chloreto de baryo.....	9.73
Chloreto mercurico.....	8.0
Chloreto de potassio.....	3.72
Chloreto de zinco.....	49.87
Cyaneto de potassio.....	31.84
Iodo.....	2.0
Iodeto de potassio.....	39.72
Iodeto de zinco.....	39.78
Phosphoro.....	0.25
Quinina.....	0.47
Enxofre.....	0.14
Sulfato de calcio.....	5.17
Sulfato de cobre.....	36.30
Sulfato de zinco.....	35.18
Tannino.....	48.83

(1) Pharmaceutical Journal.

Ensaio do vidro para ampolas destinadas a conter solutos d'alcaloides, por Gluber (1)

O auctor insiste sobre a má qualidade do vidro fornecido aos pharmaceuticos, que preparam solutos ou ampolas d'alcaloides para injeções hypodermicas. O vidro, para estes usos, deverá ser sempre ensaiado, segundo as indicações fornecidas por Schneider e Seiss: as ampolas ou balões são cheios d'agua distillada, adicionando-se-lhe uma pequena quantidade do soluto de phenol-phtaleína a 1:100; collocam-se em seguida, com as rolhas presas ao collo, em agua fervente ou antes recebendo os seus vapores. Qualquer vidro, cujo contheudo fique incolor, pode ser empregado na preparação e esterilisação do soluto hypodermico d'alcaloides.

Mas aquelle cujo contheudo corar em rosa só poderá ser utilizado depois de nova lavagem em agua fervente.

O que ainda, mesmo depois d'este segundo tratamento, corar o seu contheudo, deve ser rejeitado.

Estas precauções são indispensaveis para os solutos de morphina e adrenalina, que se alteram tanto mais, quando o vidro é mais alcalino.

Com o vidro não alcalino, como o de Iena, pode esterilisar-se o soluto d'adrenalina, sem que se altere.

Ampolas de chlorhydrato de apomorphina

Afim de obstar ás diversas causas d'alteração dos solutos de chlorhydrato de apomorphina, taes como: a oxidação pela acção da luz, a alcalinidade do vidro que contem o soluto, e os vapores d'ammoniaco de que muitas veses está impregnada a athmorphera dos labo-

(1) Pharmaceutische Post.

(1) Repertoire de pharmacie.

ratorios, Pegurier aconselha operar do modo seguinte:

1.º Fazer a operação em camara escura, illuminada por meio de luz vermelha.

2.º Evaporar acido acetico no logar onde se opére para neutralisar os vapores d'ammoniaco.

3.º Empregar as ampolas de vidro amarello e um soluto de chlorhydrato d'apomorphina acidulado pelo acido chlorhydrico. (1)

Chlorhydrato de apomorphina 0,50

Acido chlorhydrico ao decimo 1,50

Agua distillada esterilizada 100.^{cc}

A preparação do soluto e enchimento das ampolas deverá fazer-se com um material rigorosamente aseptico, para se evitar a esterilisação no autoclave das ampolas depois de terminadas; esta operação teria como resultado, facilitar o ataque do vidro e a decomposição do producto.

G. N.

FORMULARIO

Emulsão d'oleo de ricinos-Wilbert (2)

A seguinte formula permite obter uma emulsão branca, homogenea, que se separa um pouco no fim de muito tempo, mas que uma ligeira agitação resta-belece facilmente.

(1) Não é para nós novidade, o emprego de ampolas de vidro amarello e de soluto de chlorhydrato d'apomorphina acidulado pelo acido chlorhydrico, porque ha muitos annos isto se pratica, no deposito geral de medicamentos do exercito, com bom resultado.

N.

(2) American Journal of pharmacy.

Mistura-se em gral 50.^{cc} de óleo de ricinos com 1,^{gr}5 de sabão medicinal pulverisado e 3.^{cc} de alcoolato de hortelã-pimenta; junta-se em seguida, pouco a pouco, 1.^{cc} de soluto de saccharina e a quantidade de agua necessaria para se obter 100.^{cc}

G. N.

VARIEDADES

Leite vegetal, por P. Carles (1)

As pessoas que frequentam as colonias dizem que os Europeus sentem muitas vezes a falta do leite fresco destinado á alimentação das creanças, dos convalescentes e doentes de diversas naturezas. Procurou remediar-se esta falta pelo leite de conserva liquido ou secco, mas parece que nenhuma das diversas marcas industriaes tem dado resultados satisfatorios.

Nuns, a materia gorda separa-se ou rança, noutros falta-lhes completamente. Na maior parte, a caseina está mais ou menos coagulada ou transformada, e, se n'alguns se conserva inteiramente solúvel, é devido á addição de diversos saes alcalinos, cuja ingestão quotidiana não poderá ser salutar. Finalmente, em todos, as diastases normaes são mais ou menos transformadas pelo calor, e o assucar junto com profusão.

Estas diversas causas devem fazer tomar em consideração o emprego que se faz, ha muito tempo, do leite vegetal na China e Japão.

Segundo um japonéz, este leite tem por origem os grãos da *Soja hispida* ou feijão oleaginoso da China.

Estes grãos tem uma composição excepcional, digna de ser notada pelos hygienistas e pelos clinicos.

(1) Repertoire de Pharmacie.

Assim, não contém amido destrinchavel ao iodo, mas uma pequena quantidade (6:100) de materia saccharificavel e susceptivel de fermentar directamente sob a acção da levedura de cerveja.

Tem além d'isso 36:100 de materias albuminoides, e 17 de materias gordas.

Prensando estes grãos, depois de cosidos em agua, obtem-se um succo que, diluido em agua não muito quente, constitue o *leite vegetal*. Este nome parece muito natural, desde que se sabe que, no leite da vacca, ha uma média de 3,3:100 de caseina, 4 de manteiga e 4,5 de assucar de leite. Não se ignora tambem que ha uma extrema semelhança entre a legumina e a caseina.

Mas, o que mais os iguala é que o leite vegetal tratado pelos coagulantes ordinarios do leite, tambem se coalha, diz-se, e que, separando-se o soro pelo esgotamento, obtem-se um residuo semelhante ao queijo animal.

Segundo o mencionado japonéz, tanto o feijoeiro como o leite e o queijo vegetal, entram em notavel proporção no alimento dos chinezes e japonezes.

Como os Europeus, para o queijo animal, elles sabem retardar pelo sal a decomposição do queijo vegetal, e, por meio de manipulações analogas, converte-lo, pelas fermentações diastasicas espontaneas, em tantas variedades comestiveis, quantas nós fazemos com o coalho dos leites animaes.

O grão do soja não tinha servido até ao presente mais do que para fazer a farinha do pão destinado aos diabeticos; uso logico, pois que não contem amido e apenas pequena parcella de materia saccharificavel.

Depois do que fica dito facil é de prevêr que um habil cosinheiro pode, para estes doentes, variar a comida por meio do soja.

INDICE ALPHABETICO

DAS

MATERIAS CONTIDAS NESTE VOLUME

A		Cosméticos que desenvolvem oxigenio 190	
Acido arsenioso (resistencia do cão á acção de grandes doses de)	199	E	
Aguas potaveis (desinfecção das) pelo acido citrico e raios solares	202	Eleições (As) da Sociedade de	64
Antonio Carvalho da Fonseca (discurso do prof.)	16	Elixir paregorico (preparação rapida do)	76
O mesmo — «Oração de sapientia» proferida na abertura da Escola de Pharmacia do Porto	191	Emulsão de oleo de ricinos	235
Atoxil	232	Emulsão de Scott	109
Armando de Campos Palermo (o concurso para chefe dos serviços pharmaceuticos na Santa casa da Misericordia de de Lisboa) 34, 68, 90, 111, 134, 156 e	174	Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro (conselheiro) 140 e	143
B		Escola de Pharmacia do Porto	191
Bibliographia	76	Esterilisação da mucilagem de gomma arabica	75
Bismuthum tannicum	188	Esterilisação (processos facteis de) 167, 181 e	268
Blenal	190	F	
C		Formulario, 96, 109, 173, 190 e	235
Chimica 34, 55, 56, 68, 90, 130, 202, 204, 206, 207, 231 e	291	Francisco de Carvalho (Discurso de) na sessão solemne	20
Chlorhydrato de apomorphina (ampolas de)	234	G	
Clemente Pinto (Dr.)	60	Glycerina (solubilidade de certos saes na)	233
Commissão de chimica (parecer da)	41	I	
Comprimidos enzymoscopicos para a verificação dos leites pasteurizados	130	Incompatibilidades dos iodetos	105

Sessão de 9 de abril de 1907	101	Succo de groselhas (preparação do)	186
Sessão de 14 de maio de 1907	103	Sulfato de quinina nacional	57
Sessão de 28 de maio de 1907	121	Sulfato de quinina methodo de Kerner	207
Sessão de 11 de junho de 1907	145	Synonimia de novos productos pharmaceuticos.	106
Sessão de 25 de junho de 1907	125		
Sessão de 9 de julho de 1907	146	T	
Sessão de 30 de julho de 1907	149	Tinctura de iodo (o acido iodhydrico na)	56
Sessão de 13 de agosto de 1907	161		
Sessão de 27 de agosto de 1907	163	V	
Sessão de 31 de agosto de 1907	201	Variedades, 57, 77, 96, 97, 111, 116, 134, 156, 174, 176, 191, 195, 196, 198, 213 e	236
Sessão de 12 de novembro de 1907	221	Vesipyrina	172
Sessão de 10 de dezembro de 1907	223	Vidro neutro (meio rapido de reconhecer o)	97
Sessão de 31 de dezembro de 1907	228	Vidro para ampolas (ensaio do)	231
Soluços (modo de suprimir os)	198		

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



1835

Centro de Documentação Farmacéutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacéutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacéutica
da Ordem dos Farmacêuticos

